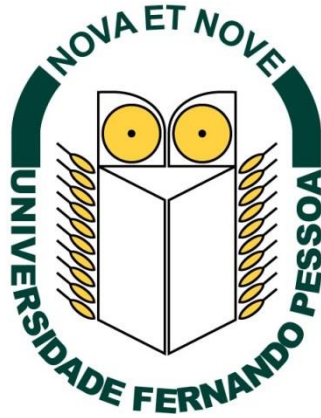


SORAIA LOPES RODRIGUES

A PRÉ-EXISTÊNCIA NO CONTEXTO DA REABILITAÇÃO

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

PORTO, 2015

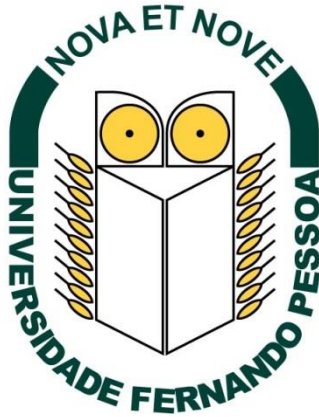


SORAIA LOPES RODRIGUES

A PRÉ-EXISTÊNCIA NO CONTEXTO DA REABILITAÇÃO

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

PORTO, 2015



SORAIA LOPES RODRIGUES

A PRÉ-EXISTÊNCIA NO CONTEXTO DA REABILITAÇÃO

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura e Urbanismo, sob a orientação do Professor Doutor Arq. João Castro Ferreira.



Soraia Lopes Rodrigues

O presente trabalho oferece uma análise e reflexão sobre o tema “A pré-existência no contexto da reabilitação” recaindo sobre o papel que desempenha o pré-existente e ainda a importância, atitude e princípios por parte dos arquitectos na transformação de edifícios pré-existentes na circunstância do reabitar do espaço.

O objectivo central desta pesquisa, e discussão do tema, centra-se em interpretar a fusão e o diálogo das diferentes linguagens arquitectónicas, entre o novo corpo adicionado e o pré-existente, que resulta numa ambiguidade, não como resultado de uma imperfeição mas sim como essência da definição da própria obra.

Este trabalho passa por reunir a recolha de informação seleccionada de sete obras de reabilitação feita por arquitectos portugueses, onde foi feito um estudo e uma análise pormenorizada de cada uma delas. Através desta análise são elaborados três grupos de estudo, onde se procura entender quais os tipos de intervenção quando nos encontramos perante uma pré-existência; como se manifesta o diálogo entre estes dois tempos e ainda interpretar o novo significado que a fusão dos dois corpos transmite através de representações virtuais de autoria própria de cada obra.

Através deste estudo procura-se compreender a complexidade desta união que gera um novo conjunto, uma nova unidade. Procura-se dar nota de como as novas formas arquitectónicas adicionadas, dividem com a pré-existência, a responsabilidade do resultado entre ambas as partes, do significado, cumplicidade e o diálogo que manifestam no seu conjunto, tendo consciência que é de grande relevância não ocultar ou ignorar as potencialidades do pré-existente.

Palavras-chave: Pré-existente, Adição, Desdobramento, Sintetização, Reinterpretação

| ABSTRACT

This present work offers an analysis and reflection on the theme "The pre-existence in the context of rehabilitation" falling on the role played by the pre-existing and also the importance, attitude and principles by architects in transforming pre-existing buildings relapsing a return to live the space.

The central objective of this research, and discussion of the topic, focuses on interpreting the fusion and dialogue of different architectural languages, between the new body added and the pre-existent, resulting in ambiguity, not as a result of imperfection but as the essence of his own work setting.

This work involves gathering the selected data collection of seven rehabilitation projects done by Portuguese Architects, where it was made a study and a detailed analysis of each of them. Through this analysis they are prepared three studies cases where it seeks to understand what types of intervention when we are faced with a pre-existence; how it manifests the dialogue between these two times and still interpret the new meaning that the merger of the two bodies passes through own authorship virtual representations of each project.

This study seeks to understand the complexity of this union that creates a new set, a single unit. Wanted to note how new architectural forms added share with pre-existing responsibility of the result between the two sides, of meaning, complicity and dialogue that manifest as a whole, knowing that it is of great importance not hide or ignore pre-existing strengths.

Through this study seeks to understand the complexity of this union that creates a new set, a single unit. Wanted to note how the new architectural forms added share with pre-existing the responsibility of the result between the two sides, of meaning, complicity and dialogue that manifest as a whole, knowing that it is of great importance not hide or ignore pre-existing strengths.

Keywords: Pre-existence, Addition, Outspread, Synthesizing, Reinterpretation

| DEDICATÓRIAS

Sendo eu, uma pessoa de poucas palavras, agradeço:

a toda a minha família e amigos, pelo apoio de cada um, a seu modo e a seu tempo, nesta fase em que a vida me ensinou a viver um dia de cada vez;

ao meu orientador, pela atenção e tempo dispensado, e ainda pelos ensinamentos que orientaram a minha pesquisa e a forma crítica como deve ser apreciada a arquitectura.

| ÍNDICE GERAL

RESUMO _____	V
ABSTRACT _____	VI
DEDICATÓRIAS _____	VII
ÍNDICE GERAL _____	VIII
ÍNDICE DE FIGURAS _____	IX
<hr/>	
I INTRODUÇÃO _____	18
II DESENVOLVIMENTO _____	21
III DIÁLOGO ENTRE O ANTIGO E O NOVO _____	24
IV ANÁLISE E CONTEXTUALIZAÇÃO DE CADA INTERVENÇÃO _____	33
Casa em Alenquer _____	34
Casa dos Cubos _____	37
Casa do Conto _____	40
Casa das janelas verdes _____	43
Casa do moinho _____	46
Casa das marinheiras _____	49
Casa Van Middelen _____	52
V DISCUSÃO E COMPARAÇÃO DOS GRUPOS DE ESTUDO _____	55
V.I DESDOBRAMENTO _____	58
V.II SINTETIZAÇÃO _____	65
V.III REINTERPRETAÇÃO _____	72
V.IV TABELA COMPARATIVA DOS GRUPOS DE ESTUDO _____	81
VI CONCLUSÃO _____	89
VII BIBLIOGRAFIA _____	92

ÍNDICE DE FIGURAS

[01] Representação 3D – Inclusão. <u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	31,86
[02] Representação 3D – Intersecção. <u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	31,87
[03] Representação 3D – Ampliação. <u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	31,88
[04] Esquisso da Casa em Alenquer dos Arq. Aires Mateus. <u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	34
[05] Ruína, “o antes” – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	35
[06] Acesso pela rua – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	35
[07] Vista do espaço exterior entre a pré-existência e o novo volume – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	35
[08] Planta de cobertura – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	35,60
[09] Corte vertical pela habitação e pela entrada – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	35,60
[10] Vista do tanque do jardim – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	36
[11] Planta do piso rés-do-chão – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	36
[12] Vista de um dos quartos – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	36
[13] Planta do Piso 1 – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	36
[14] Vista da sala da habitação – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	36
[15] Vista do exterior – Casa em Alenquer. <u>http://re-habitar.blogspot.pt/2011/01/outra-forma-de-recuperar-la-memoria-casa.html</u>	36

[16] Esquisso da Casa dos Cubos da Embaixada dos Arquitectos. Desenho de Soraia Rodrigues	37
[17] Vista junto ao rio – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	38
[18] Demolição do interior do edifício – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	38
[19] Vista do exterior – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	38
[20] Planta de cobertura – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	38
[21] Esquema do projecto – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	38
[22] Vista do interior no piso rés-do-chão – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	38
[23] Corte transversal pelo edifício – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	39,60
[24] Acesso ao piso 1 – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	39
[25] Planta do rés-do-chão, piso 1 e piso 2 – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	39,60
[26] Vista do piso 1 – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	39
[27] Corte vertical pelo edifício – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	39
[28] Vista do piso 2 para o piso do rés-do-chão – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	39
[29] Vista do interior no piso do rés-do-chão – Casa dos Cubos. http://www.archdaily.com/202783/casa-dos-cubos-embaixada-arquitectura	39
[30] Esquisso da Casa do Conto dos Pedra Líquida Desenho de Soraia Rodrigues	40
[31] Planta de cobertura – Casa do Conto. http://pedraliquida.com/	41
[32] Interior da casa em ruína – Casa do Conto. http://pedraliquida.com/	41

[33] Fotografia durante a recuperação – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	41
[34] Vistas do último piso – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	41
[35] Fachada principal – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	41
[36] Corte transversal pelo edifício – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	41,67
[37] Fachada do alçado tardoz – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	41
[38] Plantas da cave; rés-do-chão; piso 1, piso 2 e piso 3 – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	41,67
[39] Vistas do acesso vertical – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	42
[40] Vistas do acesso vertical e clarabóia – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	42
[41] Vistas do último piso – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	42
[42] Vistas do quarto – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	42
[43] Vistas do quarto – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	42
[44] Vistas da sala de estar – Casa do Conto.	
http://pedraliquida.com/	42
[45] Esquisso da Casa das Janelas Verdes do Arqº Pedro Domingos.	
Desenho de Soraia Rodrigues	43
[46] Localização da casa – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	44
[47] Vista da entrada principal – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	44
[48] Vista do alçado tardoz – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	44

[49] Planta piso do rés-do-chão – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	44
[50] Vista do corpo central e painéis amovíveis – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	44
[51] Cortes transversais pela habitação – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	44,67
[52] Vista da ligação entre as divisões do piso do rés-do-chão – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	44
[53] Plantas do piso do rés-do-chão; piso 1, piso 2 e piso 3. Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	45,67
[54] Vista da sala e estar para o piso 1 – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	45
[55] Acesso ao jardim – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	45
[56] Vista da ligação entre as divisões no piso 1 – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	45
[57] Cortes verticais pela habitação – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	45
[58] Vista do escritório através das traineiras – Casa das janelas verdes.	
https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/	45
[59] Esquisto de autoria própria da Casa do Moinho do Arq. José Gigante.	
Desenho de Soraia Rodrigues	46
[60] Recuperação do moinho – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	47
[61] Esquisto do moinho do Arq. José Gigante – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	47

[62] Acesso ao moinho – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	47
[63] Entrada para o moinho – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	47
[64] Vista do piso rés-do-chão para a entrada – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	47
[65] Planta do piso rés-do-chão e do piso 1 – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	47,74
[66] Corte transversal pelo edifício – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	48,74
[67] Acesso ao moinho visto pelo interior – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	48
[68] Vista do acesso ao piso 1 – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	48
[69] Piso 1 – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	48
[70] Vistas da sala – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	48
[71] Sala transformada em espaço temporário para dormir – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	48
[72] Peças do móvel da cama (esquema) – Casa do moinho.	
<u>Gigante, J (2011). <i>Arquitectos Portugueses, José Gigante</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	48
[73] Esquisto da Casa das Marinheiras do Arq. Viana de Lima.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	49
[74] Acesso à habitação – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima</i>. Vila do Conde, QN Edição e Conteúdos, S.A</u>	50

[75] Entrada para a habitação através do moinho – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>50</u>
[76] Perspectiva cónica do Arq. Viana de Lima – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>50</u>
[77] Planta piso 1 – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>50</u>
[78] Vista do confronto entre a pré-existência e o novo elemento arquitectónico adicionado – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>50</u>
[79] Plantas em perspectiva do piso 1 e piso 2 – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>50,75</u>
[80] Vistas da abertura envidraçada que acompanha o pé direito duplo – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>51</u>
[81] Acesso ao piso 1 pelo moinho – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>51</u>
[82] Corte transversal pela casa – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>51,75</u>
[83] Vistas do quarto no piso 1 – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>51</u>
[84] Planta de implantação – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>51</u>
[85] Vistas do braço em forma de “L” – Casa das marinheiras.	
<u>Lima, V de (2011). <i>Arquitectos Portugueses, Viana de Lima.</i> Vila do Conde, QN</u>	
<u>Edição e Conteúdos, S.A</u>	<u>51</u>
[86] Esquisso da Casa Van Middelen do Arq. Siza Vieira.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>52</u>

[87] Vista do encontro do novo elemento arquitectónico adicionado com a pré-existência – Casa Van Middelen.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	53
[88] Maqueta da Casa Van Middelen.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	53
[89] Planta do piso rés-do-chão – Casa Van Middelen.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	53,75
[90] Vista da casa onde se percebe o antigo e o novo – Casa Van Middelen.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	53
[91] Vista da entrada para a casa – Casa Van Middelen.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	54
[92] Vista pelo exterior da janela de canto – Casa Van Middelen.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	54
[93] Vista pelo interior da janela de canto – Casa Van Middelen.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	54
[94] Corte-alçado da casa – Casa Van Middelen.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	54,75
[95] Vista do interior da casa – Casa Van Middelen.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	54
[96] Representação 3D de autoria própria da Casa em Alenquer – Pré-existente.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	59
[97] Representação 3D de autoria própria da Casa em Alenquer – Novo volume adicionado.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	59
[98] Representação 3D de autoria própria da Casa dos Cubos – Pré-existente.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	59
[99] Representação 3D de autoria própria da Casa dos Cubos – Novo volume adicionado.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	59
[100] Representação 3D de autoria própria da Casa em Alenquer – Sequência entre o novo e o pré-existente.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	62
[101] Representação 3D de autoria própria da Casa dos Cubos – Sequência entre o novo e o pré-existente.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	62
[102] Tabela de estudo GRUPO 1.	
https://www.pinterest.com/pin/434878907742439536/	63

[103] Representação 3D da Casa do Conto – Pré-existente.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>66</u>
[104] Representação 3D da Casa do Conto – Novo volume adicionado.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>66</u>
[105] Representação 3D da Casa das Janelas Verdes – Pré-existente.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>66</u>
[106] Representação 3D da Casa dos Conto- Novo volume adicionado.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>66</u>
[107] Representação 3D da Casa do Conto – Sequência entre o novo e o pré-existente.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>69</u>
[108] Representação 3D da Casa das Janelas Verdes – Sequência entre o novo e o pré-existente.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>69</u>
[109] Tabela de estudo GRUPO 2.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>70</u>
[110] Representação 3D da Casa do Moinho – Pré-existente.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>73</u>
[111] Representação 3D da Casa do Moinho – Novo corpo adicionado.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>73</u>
[112] Representação 3D da Casa das Marinheiras – Pré-existente.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>73</u>
[113] Representação 3D da Casa das Marinheiras – Novo volume adicionado.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>73</u>
[114] Representação 3D de autoria própria da Casa Van Middelen – Pré-existente.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>74</u>
[115] Representação 3D da Casa Van Middelen – Novo volume adicionado.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>74</u>
[116] Representação 3D da Casa do Moinho – Sequência entre o novo e o pré-existente.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>77</u>
[117] Representação 3D da Casa das Marinheiras – Sequência entre o novo e o pré-existente	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>77</u>
[118] Representação 3D da Casa Van Middelen – Sequência entre o novo e o pré-existente	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>78</u>

[119] Tabela de estudo GRUPO 3.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>79</u>
[120] Tabela Comparativa dos grupos de estudo.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>82</u>
[121] Representação 3D de autoria própria das obras do caso de estudo número 1.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>82</u>
[122] Representação 3D de autoria própria das obras do caso de estudo número 2.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>83</u>
[123] Representação 3D de autoria própria das obras do caso de estudo número 3.	
<u>Desenho de Soraia Rodrigues</u>	<u>83</u>

I | INTRODUÇÃO

“O passado é uma prisão de que poucos sabem livrar-se airoso e produtivamente; vale muito, mas é necessário olhá-lo não em si próprio mas em função de nós próprios.”

(Távora, 2006, p.13)

A presente dissertação tem como tema “A pré-existência no contexto da reabilitação”, nela se pretendendo discutir a atitude e os princípios de alguns arquitectos na transformação de edifícios pré-existentes num novo espaço e ainda perceber qual o papel que a pré-existência desempenha neste conjunto.

O motivo que levou à escolha deste tema prende-se com o facto de se ter vindo a assistir frequentemente a um afastamento dos centros históricos e aldeias por parte da população, fruto da existência de edifícios devolutos, abandonados e sem condições de habitabilidade, tal situação provoca no Homem um estado de sensibilidade, desafiando-o a proteger e, de certa forma, a manter a sua história, ou pelo menos, a manter a sua memória¹. Torna-se preponderante a atitude por parte dos arquitectos, que se traduza numa atitude consciente em face destes casos. (Fernandes, 2004)

Será interessante analisar o conceito de reabilitar e tentar perceber o seu significado, uma vez que existe um aumento de procura e interesse por parte da população na recuperação de casas ou lugares. Será o termo reabilitar o termo mais correcto para definir a prática que temos vindo a assistir? Será reabilitar? Renovar; recuperar; reocupar; reconverter; reinterpretar; transformar, entre outros, serão sinónimos desta prática ou estamos perante termos e atitudes diferentes quando nos encontramos perante uma pré-existência?

Hoje em dia a reabilitação resulta num grande enfase, pois verifica-se uma maior sensibilidade por parte das pessoas para reabilitar. Há uma procura do “velho” que traz consigo um acumular de histórias e memórias tornando assim a pré-existência algo com muito valor não só em termos de matéria² como no seu potencial criativo. “Sem a Memória não há objecto de reflexão e não pode haver Eu consciente” (Abreu, 2007, p.4).

O homem tem a necessidade de ir à procura de um abrigo, entende-se por abrigo como sinónimo de protecção, um espaço com capacidade de responder a várias exigências que pode ser renovado ou transformado com o objectivo de tornar ou manter esse espaço habitável. “A «casa» põe em relação o eu, o aqui e o agora. A partir dela, oriento-me no espaço: parto todos os dias de minha casa para, depois, a ela regressar. Não a casa

¹ Memória refere-se neste contexto à faculdade através da qual o indivíduo é capaz de preservar ideias, conservar experiências do passado, manifestando-se através de alguns apontamentos.

² Elemento físico, visível.

como uma coisa, mas a casa como morada, como construção simbólica no espaço. Porque, nessa medida, a minha casa é um depósito de memórias e expectativas.” (Jorge, 2007, p.94).

Pretende-se com o presente estudo estruturar um raciocínio lógico e coerente, de forma a distinguir as várias formas de reabilitar e reabitar um espaço, e perceber como diferentes arquitectos, em variadas circunstâncias, se relacionam com a pré-existência e ainda perceber qual a relação/diálogo entre o novo corpo adicionado e o pré-existente.

Para a realização deste estudo foi feita uma pesquisa de obras de reabilitação. Após a recolha de informação, foi possível concluir que existem vários tipos de reabilitação, o que permitiu agrupar os distintos tipos de reabilitação, analisá-los e compará-los.

Tomando como casos de estudo um conjunto de obras de reabilitação de arquitectos Portugueses seleccionados, a seguinte proposta prevê o seu estudo e na sua respectiva análise, tendo como finalidade cruzar a informação recolhida, de modo a dar resposta às seguintes questões: quais as diversas vertentes para reabilitar um edifício; qual a relação do arquitecto com a pré-existência; e qual a atitude, preocupação e ferramentas utilizadas por cada arquitecto. Pretende-se ainda identificar eventuais semelhanças e diferenças entre as intervenções dos vários arquitectos determinar até que ponto um espaço que foi desenhado e projectado numa outra época, com outros ideais/princípios, pode ser transformado num outro espaço, tendo usos e funções diferentes “Só quando somos capazes do Habitar, podemos nós construir.” (Heidegger, 1954, p.12).

Quando estamos perante uma pré-existência é importante ter noção dos limites para além da barreira física que são as quatro paredes de uma casa, isto é, quando estamos perante uma pré-existência, para além das variadas condicionantes físicas, há também condicionantes a nível do programa que outrora terão respondido a outros usos e funções, o que traz uma bagagem de condicionantes e pontos de partida para a sua reabilitação. É fulcral ter noção que o edifício não é eternamente elástico. “ O espaço é por natureza ilimitado, invisível e intangível, dependendo a sua conformação da manipulação intencional do limite do desenhado, construído ou percebido. O espaço só é compreensível e avaliável na expansão contida ligada à percepção dos limites ou das barreiras materiais que o confrontam. A arquitectura vê-se assim, como a arte de delimitar e conformar o espaço habitável” (Pinto, 2007, p.21).

II | DESENVOLVIMENTO

“Onde acaba a recuperação e começa a mera intromissão?”

(Mostaedi, 2003, p.1)

A metodologia adoptada neste trabalho consistiu na pesquisa de documentação relacionada com o tema em questão, a sua leitura e consequente selecção de obras de reabilitação de Arquitectos Portugueses. Desta recolha de informação foram seleccionadas sete obras.

Para um melhor estudo desta temática foi feita uma análise detalhada de cada obra. A informação foi recolhida com base em desenhos rigorosos (plantas, cortes, alçados e memórias descritivas), imagens de cada obra (exterior, interior, antes e depois da reabilitação sempre que possível) e informações bibliográficas.

Após o estudo e análise dos sete casos de estudo, foi pertinente perceber o limite/fronteira do reabilitado/novo e perceber esta unidade, que se transforma em dualidade, pois são conceitos diferentes. Desta análise resultou uma organização de informação, agrupando-se os setes casos de estudo em três grupos distintos com o intuito de perceber que nos encontramos perante três tipos de intervenções diferentes, dentro do que é a reabilitação. Cada grupo é constituído por dois casos de estudo à excepção do último grupo que apresenta três casos de estudo. Os casos de estudo foram agrupados dado à sua aproximação de intervenção, tendo como base o mesmo conceito.

A estrutura deste trabalho começa por um capítulo onde se elucida sobre a relação que existe entre o novo e o antigo, abordando o tema reabilitar uma pré-existência, e apresentando algumas noções sobre esta matéria. "Como espaço colectivo de silêncio, de relação física com a memória, de leitura do passado e do fluir da história" (Costa, 2002, p.23). A sobrevivência das pré-existências à passagem do tempo conduz a uma reflexão no que diz respeito ao diálogo entre o que fica e o que nasce. Dentro deste tema podemos encontrar vários tipos de intervenção que são os responsáveis por descrever o modo como "o novo" se pode relacionar com "o velho" e os tipos de adição que são explicados ao longo deste capítulo. " Desta forma, preservar não é garantir o acontecimento original da obra da mesma maneira como ela surgiu, mas garantir o seu acontecimento e o acontecimento da sua verdade, como ela acontecer no momento presente do seu acontecimento" (Carsalade, 2007, 0.122).

Após a introdução ao tema, são desenvolvidos três capítulos sobre a análise dos casos de estudo, estruturados de modo a resultar numa conclusão sobre o tema escolhido.

No primeiro capítulo efectua-se uma análise de cada caso de estudo e a sua contextualização de uma forma sucinta, isto é, o que se consegue captar numa primeira leitura, sem ter um objectivo concreto na sua análise; no capítulo seguinte é apresentada uma análise pormenorizada de cada caso de estudo e respectivamente uma tabela com a finalidade de, estes dados recolhidos, serem debatidos numa tabela comparativa, onde já é feita uma análise focada na apreciação e compreensão dos tipos de intervenção que é feita em cada grupo; por fim, no último capítulo procede-se às conclusões oferecendo um contributo para a compreensão teórica de novos espaços pensados num outro espaço, o qual havia sido desenhado e pensado para outra função.

“Nos nossos tempos existem por isso dois problemas: por um lado, a enorme violência do desenvolvimento, da demolição e reconstrução (...) Tendemos a cristalizar esse romantismo, ter um pouco mais de frieza e tentar perceber quais os verdadeiros valores que devem ser preservados, por vezes não tao materiais como pensamos e mais relacionados com a nossa cultura, clima e paisagem” (Carrilho da Graça, 2010, p.82-83). Foi de grande relevância para esta análise assimilar qual a importância e influência que a pré-existência tem ao longo deste processo e perceber a grande diferença entre reabilitar e transformar, pelo facto de se tratar de um edifício que inicialmente respondia apenas ao seu funcionamento próprio e, no final, observarmos a sua transformação e a adaptação da nova função ao pré-existente. É de facto interessante perceber todo o conjunto de grandes intervenções que resultam nesta transformação, em que, por vezes, o predominante no resultado final é o novo. “A intervenção no existente pressupõe um inevitável confronto físico e espacial, impondo a interpretação crítica do objecto a transformar, absorvendo, em maior ou menor profundidade, o seu significado global, enquanto condicionante do limite da capacidade de transformação do existente.” (Tomé, 2002, p.15).

III | DIÁLOGO ENTRE O ANTIGO E O NOVO

“Reconversão: gerar um lugar no que parecia ser um mero desperdício. É preciso sonhar mais os espaços. Como vamos sonhando estas páginas. São o lugar que criámos. Com os nossos instrumentos, referências e vontades. Um lugar que evoluirá no tempo e nas palavras.”

(Jordão, 2002, p.02)

Na renovação de um edifício onde o uso/função será diferente do pré-existente é necessário ter em conta que o novo programa seja compatível com o edifício existente, sendo exequível e funcional e ter a consciência que o edifício não é elástico. “Respeito e fidelidade ao passado dos lugares e das comunidades que os planearam mas também encarada como [processo] de inovação. (Choay, 2008).

Torna-se pertinente perceber se um edifício criado para uma função específica pode ser transformado para uma função distinta, tendo a consciência dos factores condicionantes e, de certa forma, estimulantes, que possam concretizar essa transformação. “O passado também pertence ao presente e não pode dele ser separado” (Távora, 1993, p.34). No seu âmago a pré-existência é muito mais que um limite físico para o projecto, uma vez que pode ser estimulante, acabando por desafiar o arquitecto e levá-lo a questionar uma nova forma de habitar para esse espaço. Com este novo uso/função há a necessidade de reorganizar todo o espaço, o que obriga a uma adaptação do novo face ao pré-existente que é sempre um processo delicado, dado que toda a dinâmica gerada entre o pré-existente e o novo irá influenciar e ser influenciado. “ (...) é impossível repetir-se a bela arquitectura de uma era passada; torna-se falsa e pretenciosa quando as pessoas já não podem viver de acordo com ela.” (Rasmussen, 2006, p.2-3).

Quando nos referimos a “reabilitar” ficamos limitados ao físico, esquecendo um pouco que este também está relacionado com a paisagem, o lugar e o Homem. Quando um edifício sofre uma alteração, seja ela qual for, a ligação deste com a paisagem também sofre uma alteração, ficando fragilizadas as memórias e a própria essência do lugar. Afirma-se, neste sentido, a ideia de Genius Loci³.

“Podemos dizer que, por numerosos que sejam os tempos e os espaços em que se fala do lugar, é pela impossibilidade de ser outra coisa, que é deste lugar que se refere, e a sua essência nos permite identifica-lo, nomeá-lo e distingui-lo de imediato de todo e qualquer outro lugar”

(Alves, 2007, p.7)

³ Termo Latino que se refere ao “espírito do lugar”. Tornou-se uma expressão adoptada pela teoria da arquitectura para definir a interacção entre lugar e identidade.

Quando nos encontramos perante uma reabilitação e sua conseqüente adaptação à pré-existência é importante ter a consciência que se irá estabelecer uma relação entre o antigo e o novo. É de facto trabalhoso compatibilizar o passado e o presente, mas o fruto deste percurso traduzir-se-á num futuro mais rico e seguramente mais autêntico. Caberá ao arquitecto reconhecer as potencialidades da pré-existência que dialoguem com a nova arquitectura proposta. “Nesta simbiose imposta está implícito o facto de o interesse suscitado pela obra do presente se repercutir sobre a obra antiga, estimulando assim uma dialéctica.”(Choay, 2008, p.232).

Neste diálogo constante entre o passado e o presente o objectivo a alcançar é o equilíbrio. Neste processo podemos observar vários tipos de abordagem: o contraste⁴ entre a arquitectura pré-existente e a nova arquitectura adicionada, que se pode traduzir tanto na diferença de materiais e conseqüentes técnicas de construção, como em aspectos formais da composição, forma e dimensão da adição; a adaptação⁵ entre a arquitectura pré-existente e a nova arquitectura, a qual se pode traduzir na integração ou na tentativa de fundir o novo com a pré-existência, transparecendo-se numa certa continuidade visual; e a reinterpretação⁶ entre a arquitectura pré-existente e a nova arquitectura adicionada, em cuja abordagem o novo prevalece e assegura a sua identidade, afirmando-se, em face da pré-existência, como uma unidade única e independente. “Na génese do seu próprio desenvolvimento, existe adição tanto na formação e desenvolvimento dos aglomerados urbanos, como nas transformações dos edifícios ao longo dos tempos. A história da arquitectura como a conhecemos vive do confronto entre construção e destruição, sendo de referir a adição apenas em relação ao que se constrói de novo” (Rebolo, 2001, p.78).

⁴ A continuidade entre a arquitectura pré-existente e a nova arquitectura é marcada por elementos que a distinguem e que façam com que sejam feitas duas leituras distintas, percebendo onde começa uma e acaba a outra.

⁵ Esforço para realizar esta nova integração.

⁶ Nova interpretação da arquitectura pré-existente.

Quando nos encontramos perante pré-existências é importante fazer referência ao património. Para tal temos como base alguns documentos importantes à cerca deste tema que foram elaboradas ao longo do tempo, das quais irão ser enunciados dois deles: a Carta de Atenas e a Carta de Veneza.

Desde a elaboração da Carta de Atenas e do Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM) em 1933 que a acção de restauro tem como foco que seja clara a leitura do que é o “novo” e o “antigo”. A tentação de utilizar os mesmos materiais para assegurar uma continuidade de linguagem, numa camuflagem do “novo” com o “antigo”, pode traduzir-se numa falsificação pois não estamos perante elementos reais da pré-existência mas sim uma tentativa de aproximação à pré-existência, que não é de todo real. Ficou então estabelecido que o “novo” deverá aparecer distinto do “antigo”, tendo o cuidado de não se deixar confundir com uma falsa pré-existência e de não destoar no seu conjunto. Le Corbusier, um pouco na esteira do que Haussmann fizera, considera exclusivamente a preservação de peças de excepcional valor artístico, sem consideração do respectivo entorno, que seria "novo" e em que se inseriria (a peça excepcional) por contraste.

“Portadoras de uma mensagem espiritual do passado, as obras monumentais dos povos constituem actualmente o testemunho vivo das suas tradições seculares.”

(II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos,
1999, p.1)

Como um documento de importância seminal na discussão e definição de políticas de preservação patrimonial, a Carta de Veneza menciona que não é só para ter em consideração o edifício excepcional, mas sim o edifício e a sua envolvente, os tecidos urbanos, o conjunto. O significado ligado à identidade é relevante, a memória das pessoas associado a um local específico, a uma função.

Enquanto com a Carta de Atenas está presente a assunção da ruptura entre o “novo” e o “antigo” e é levado ao extremo, já na Carta de Veneza não se coloca tanto a questão da intervenção do “antigo”, o único que era feito era um restauro no sentido estrito de manter, sendo o “antigo” uma espécie de intocável. Assim sendo, na Carta de Veneza não falamos isoladamente do “antigo”, não falamos de um objecto só, falamos em tecidos, em cidades inteiras. Nesta carta são enunciados alguns princípios no que diz respeito à intervenção no património: a importância dos tecidos – pois por vezes não há um objecto excepcional mas sim um conjunto de objectos e situações; a importância do planeamento dos espaços públicos torna-se muito importante, não tanto do património; a reversibilidade – haver sempre a possibilidade de voltar atrás, de a intervenção ter a possibilidade de ser retirada, ser reversível; legibilidade da intervenção – deixar visível que aconteceu uma intervenção, assumir a intervenção, tendo ela de ser ostentativa. Estas três ideias/princípios aparecem com a Carta de Veneza: tecidos, reversibilidade e legibilidade da intervenção.

Analisando este tema com foco no âmbito da Arquitectura, verificamos que a atitude de muitos arquitectos perante a reabilitação de uma pré-existência é, em grande parte, a de contrastar a arquitectura pré-existente com a nova arquitectura adicionada através de técnicas de construção recentes, materiais como o vidro e o aço, assumindo assim um papel contemporâneo da intervenção e assumindo, deste modo, a autenticidade da pré-existência.

”Os elementos destinados a ocupar as falhas existente devem integrar-se harmoniosamente no contexto, tendo que se distinguir das partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento da arte e da história”.

(II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos,
Carta de Veneza, artigo 12º).

Numa reabilitação, perante a presença de pré-existências, existe a necessidade de dar continuidade da sua história, que respeita a sua natureza em termos compositivos, espacial e material, sem sacrificar a sua intervenção. “Renegar o novo por ser novo equivale a sacralizar o passado e negar à contemporaneidade sua própria história” (Riegl, 2013, p.110).

| TIPOS DE INTERVENÇÃO

No exercício de adição no âmbito de uma reabilitação perante uma pré-existência são inúmeras as possibilidades de adaptação do novo programa proposto ao pré-existente. Esta adição acontece quando os espaços existentes se mostram insuficientes e inadequados para responder ao novo programa.

“(…) o sentido de limite não se restringe apenas aos elementos físicos que formam a barreira construída (...) os limites de uma coisa não estão onde essa coisa imediatamente termina ou começa, mas sim onde essa coisa manifesta a sua presença no exterior envolvente que também ajuda a conformar e que interactua com as demais existências em termos de tensões de campo.” (Pinto, 2007, p.28). As adições podem efectuar-se para lá da pré-existência, sendo um acrescento que acontece para o exterior a partir da própria estrutura do edifício, ou podem consistir numa adição inclusiva, caso em que a adição é feita dentro dos limites físicos da pré-existência. Como consequência das adições a pré-existência sofre alterações e a associação do novo com o antigo dá origem a uma nova composição arquitectónica através da relação entre ambas as partes, cujos diferentes valores e formas se unem dando origem a uma única unidade.

A modificação de uma pré-existência só se justifica se todo o percurso que for feito ao longo da sua intervenção tiver como objectivo respeitar a pré-existência e os valores neles contidos. Adicionar uma nova forma arquitectónica a uma pré-existência será sempre um desafio. Na verdade, poderá despertar os valores nela escondidos e esquecidos acabando por valorizá-la, como também poderá alterar a sua identidade⁷. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” (Le Golf, 1990, p.140).

⁷ A identidade de uma pré-existência traduz-se em elementos próprios e exclusivos da pré-existência, elementos que a identificam e se traduzem na autenticidade da mesma.

Atingir o equilíbrio entre estes dois momentos, o novo e o antigo, é o que caracteriza a adição, sendo a dialéctica entre as duas partes algo essencial. “O rigor de investigação tem de mostrar uma classificação de acordo com o método de modificação (abordagem racional) para alcançar e incorporar garantias diferentes quando intervir ou transformar o lugar. Além disso, poderia existir um menu que exemplifique os níveis ou graus de intervenção.” (Gracia, 1992, p.177-178)

Segundo este autor, quando estamos perante o exercício de adição, há distintos princípios de composição que descrevem o modo como as novas formas adicionadas se relacionam com o pré-existente. Para um melhor entendimento das relações entre a arquitectura pré-existente e a nova arquitectura revela-se oportuno definir alguns princípios de composição, tendo como base de estudo o livro “Construir en lo construído: la arquitectura como modificación” do Arquitecto Francisco Gracia. Sendo eles: inclusão; intersecção; ampliação; justaposição e exclusão. Destes cinco tipos de adição, para este estudo são pertinentes três deles:

- Inclusão: acção ou efeito de incluir; estado de uma coisa incluída; inserção; integração; introdução; compreensão, envolvimento.
- Intersecção: ponto estabelecido em que se transpõem ou cruzam duas linhas, planos e/ou superfícies; corte, cruzamento.
- Ampliação: acto ou efeito de ampliar; acrescento; acréscimo; amplificação; aumento, extensão.

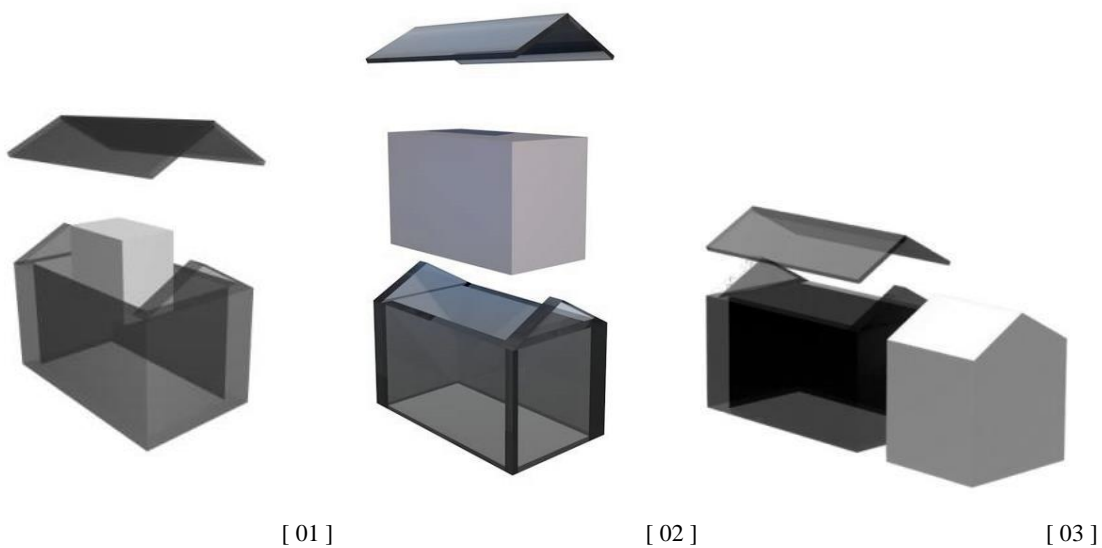
(Infopédia, 2003-2015)

“A nova composição desta soma, tanto se pode aproximar da unidade como tender em sentido oposto para a fragmentação, situação que depende das características conceptuais do projecto. Se os fragmentos, ou partes estabelecerem conexões privilegiadas com o todo no sentido de anula a sua individualidade tendemos para a unidade. Se, por outro lado, as partes afirmarem a sua expressão individual e não estabelecerem entre si um conjunto de regras de ligação que ajudem a perceber o todo, a unidade perder-se-á” (Rebolo, 2001, p.92).

Ocorre uma inclusão [01] quando o novo elemento arquitectónico é adicionado dentro dos limites físicos da pré-existência, ou seja, quando está completamente contido no seu interior. Este novo elemento adicionado terá que ter autonomia suficiente para que seja possível fazer uma leitura das duas partes, sem que as duas se confundam.

Quando estamos perante uma intersecção [02] o novo elemento arquitectónico adicionado intersecta a pré-existência mantendo cada uma delas a sua identidade e definição como espaço. Entre estes dois elementos resulta um momento que ao mesmo tempo os separa e serve como elemento de ligação entre eles, sendo uma área comum aos dois.

Observamos uma ampliação [03] quando o novo elemento arquitectónico é acrescentado como uma extensão à pré-existência intersectando em certo ponto com a pré-existência havendo uma ligação entre as partes, sendo uma ligação física ou não.



| CONCEITOS GERAIS

Para uma melhor análise mostra-se conveniente definir os conceitos que irão ser centrais nos casos de estudo. Sendo os conceitos base os seguintes:

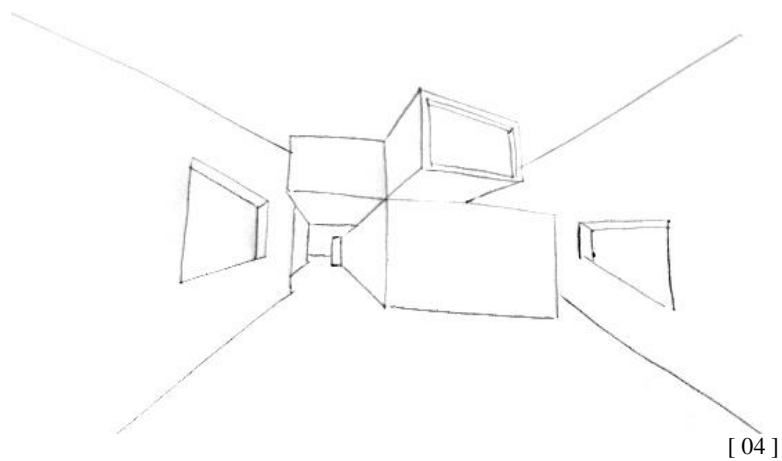
- Pré-existência: qualidade do que é pré-existente, existência anterior.
- Reabilitação: regeneração; restauração do crédito; recuperação da confiança ou da consideração pública.
- Reconstrução: reorganização; reestruturação, renovação.
- Reconversão: acto ou efeito de reconverter ou reconverter-se; nova conversão, adaptação.
- Reinterpretação: interpretar de novo, dar nova interpretação a.
- Restauo: acto ou efeito de restaurar; restauração; trabalho de recuperação de obras de arte, construções, etc., danificadas ou desgastadas; reparação, conserto.
- Transformação: acto ou efeito de transformar; alteração do estado normal; modificação; mudança de forma; metamorfose; processo gradativo de estado ou condição, evolução.

(Infopédia, 2003-2015)

IV | ANÁLISE E CONTEXTUALIZAÇÃO DE CADA INTERVENÇÃO

“Cabe ao arquitecto ter a sensibilidade para, através do conhecimento da preexistência, fazer uma síntese entre o passado e o presente, acrescentando novos significados e utilidades ao existente, sem o destruir ou anular.”

(Ribeiro, 2010, p.82-83)



DESIGNAÇÃO DA OBRA | Casa em Alenquer

AUTORIA | Manuel e Francisco Aires Mateus

LOCALIZAÇÃO | Alenquer

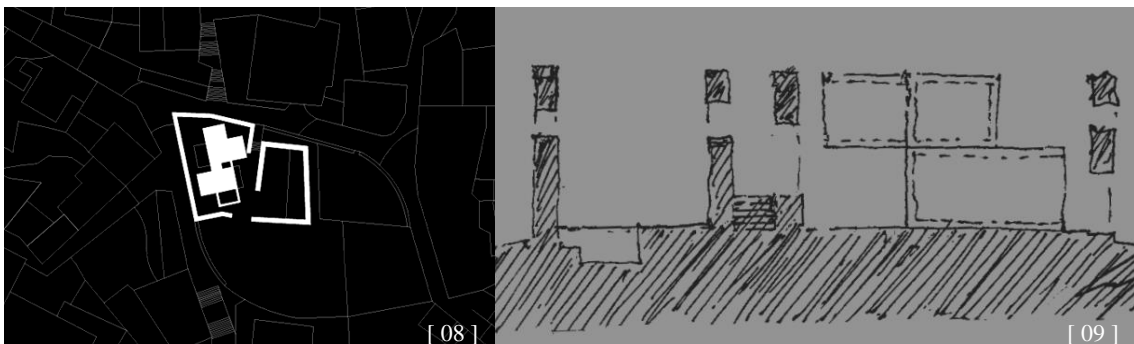
DATA | 1999-2002



Foi no cimo desta colina, no velho bairro judeu em Alenquer, que se encontrou esta ruína [05] com o objectivo de a recuperar. Tudo o que restava da velha casa em Alenquer eram as paredes exteriores, sendo esta a característica mais relevante. As paredes foram preservadas e restauradas [06], embora não tenha sido mantida a sua imagem de paredes em pedra, os limites e altimetrias foram respeitados. Aparentemente tudo indica que seriam duas casas dada a sua configuração. Tendo só como ponto de partida as paredes espessas e as suas aberturas, o projecto desenvolve-se num volume independente da sua pré-existência.

O novo elemento arquitectónico é adicionado de forma independente da pré-existência, sendo que este novo volume autónomo procura manter o paralelismo com um dos lados da pré-existência. Entre o novo e o antigo podemos perceber que existe uma tensão, provocada pelo espaço que existe entre eles. [07]. A pré-existência cria espaços com forte carácter devido ao seu peso e ao espaço que a envolve, sendo esta área um elemento de união e ao mesmo tempo de separação com o novo volume [08].

O programa foi dividido pelas “duas casas”, onde estes dois elementos se separam através de uma escadaria que resulta na entrada principal para habitação. De um lado encontramos a habitação, e do outro o espaço destinado para a área exterior [09].





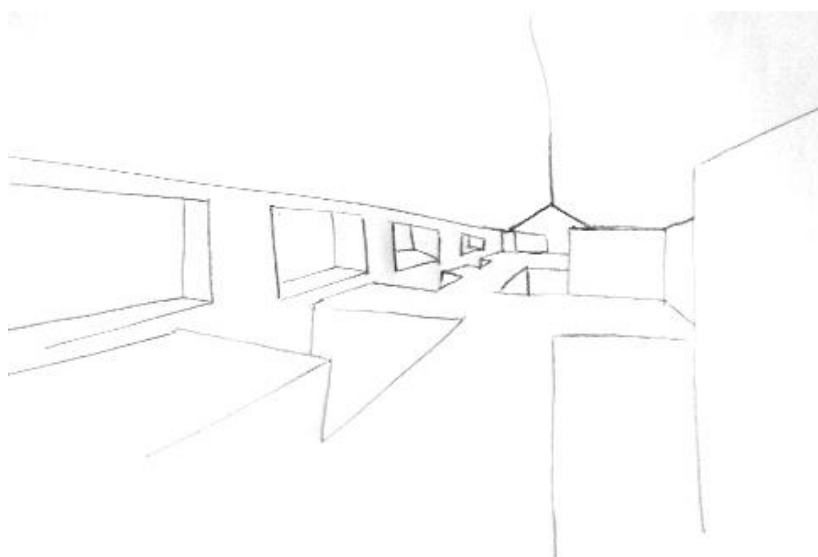
Dentro dos limites da pré-existência encontramos de um lado um tanque, escavado na continuidade do antigo muro e envolto por uma parede por onde a luz passa através de aberturas que, na realidade, são falsas janelas que o iluminam ao longo do dia [10]. Do outro lado encontramos um volume destinado à habitação [11].

No interior da habitação, a sua relação com a pré-existência acontece através de grandes vãos, tendo alguns deles ligação visual com a envolvente [13] que, deste modo, consegue criar uma relação directa com o espaço exterior da habitação [12]. A planta organiza-se numa malha ortogonal: no piso do rés-do-chão [14] encontramos as áreas comuns e no piso superior as áreas privadas com as respectivas instalações sanitárias. A relação entre os dois pisos é feita através de um núcleo de circulação vertical. O espaço de primeira hierarquia é o espaço exterior entre o volume da habitação e a pré-existência; o espaço de segunda hierarquia são os espaços comuns da habitação sendo a sala e os quartos; o espaço de terceira hierarquia são os espaços de serviço sendo a cozinha e instalações sanitárias.

Esta articulação do novo com o antigo tem como finalidade estimular a maneira de reviver o espaço interior definido por paredes através da sua interacção com um novo objecto incluído [15].

Realce: jogo de perspectivas; contraste de sombras no branco, hierarquia de espaços.





[16]

DESIGNAÇÃO DA OBRA | Casa dos Cubos

AUTORIA | Embaixada dos Arquitectos

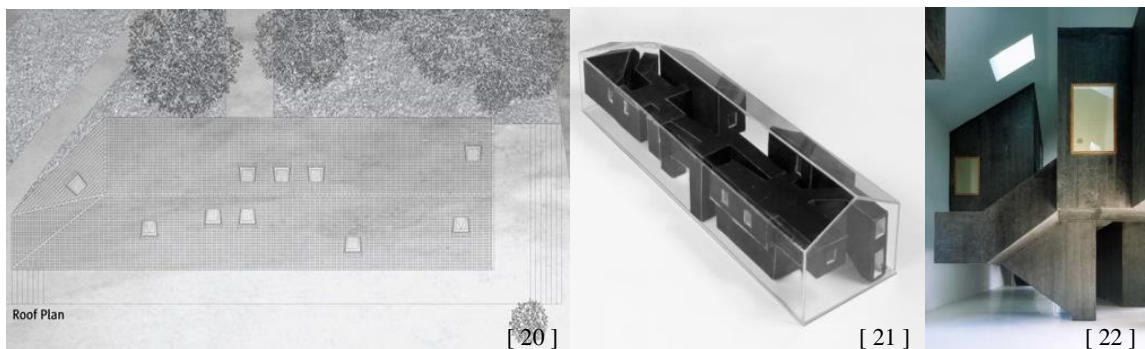
LOCALIZAÇÃO | Tomar

DATA | 2007



Localizado no centro histórico da cidade de Tomar junto à margem do rio Nabão [17], o projecto consiste na reconversão de uma antiga casa de armazenamento e contagem de produtos agrícolas que foi tendo outras funções ao longo do tempo, pelas quais foram submetendo o edifício a anexos e consequentes alterações. O novo projecto CMIA visa acolher o Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental fazendo parte do programa Polis de Tomar.

Todo o seu interior foi demolido [18], no entanto as paredes exteriores e a sua imagem original foram mantidas e recuperadas [19]. O novo elemento arquitectónico adicionado respeita os limites da pré-existência, não sofrendo assim nenhuma alteração na sua forma [20]. O novo programa foi pensado e desenhado de forma autónoma da pré-existência. Conseguimos perceber que existe um corpo arquitectónico que percorre todo o espaço interior disponível e que intercepta com a pré-existência em alguns momentos correspondendo às aberturas para o exterior [21]. A pré-existência adquire uma nova leitura no seu interior, sendo reconfigurado e transformado num único espaço [22].



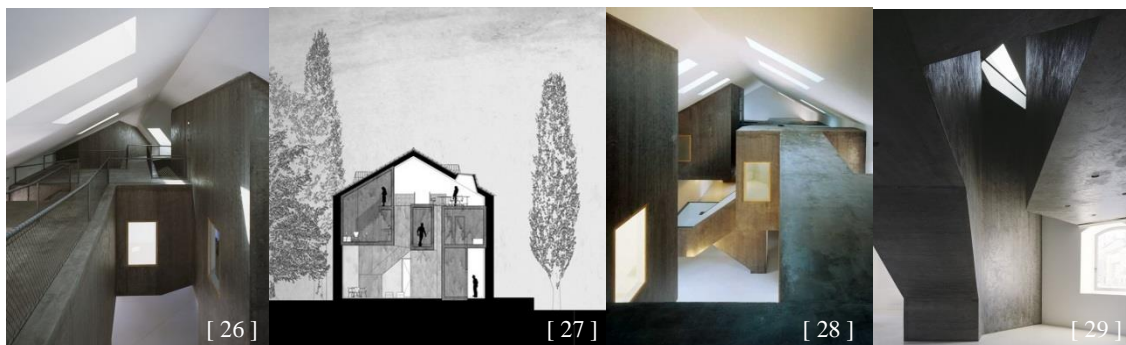


O novo corpo arquitectónico que percorre todo o espaço interior disponível multiplica o espaço (vazio) numa nova série de lugares e situações programáticas [23]. Cada área desenhada tem o seu próprio acesso, atmosfera, identidade, forma e dimensão. Para este corpo foi criado e desenvolvido um tipo de pele que resulta num pigmento escuro que contrasta com o branco do pavimento e das paredes [24].

O acesso principal acontece numa das laterais do edifício e existem dois acessos privados nos topos, sendo todos independentes. O programa é distribuído ao longo de três pisos e é composto por duas áreas distintas: uma área pública para exposições e uma área privada com sala de palestras que se encontra no piso do rés-do-chão; os restantes pisos destinam-se a alojamento para os artistas convidados [25]. A área pública acontece no espaço intersticial em torno da nova estrutura [26] e a área privada é volumetricamente definida dentro do novo corpo arquitectónico e é optimizada para habitabilidade [27].

É clara a leitura de um novo interior dentro de um interior em espécie de cativoiro. Um organismo capaz de produzir espaço [28] e [29].

Realce: um novo interior dentro de um interior; estrutura anatómica; contraste preto e branco; hierarquia de espaços.





[30]

DESIGNAÇÃO DA OBRA | Casa do Conto
AUTORIA | Pedra Liquida_ Arq. Joana Couceiro e Eng. Alexandra Grande
LOCALIZAÇÃO | Porto
DATA | 2008-2009



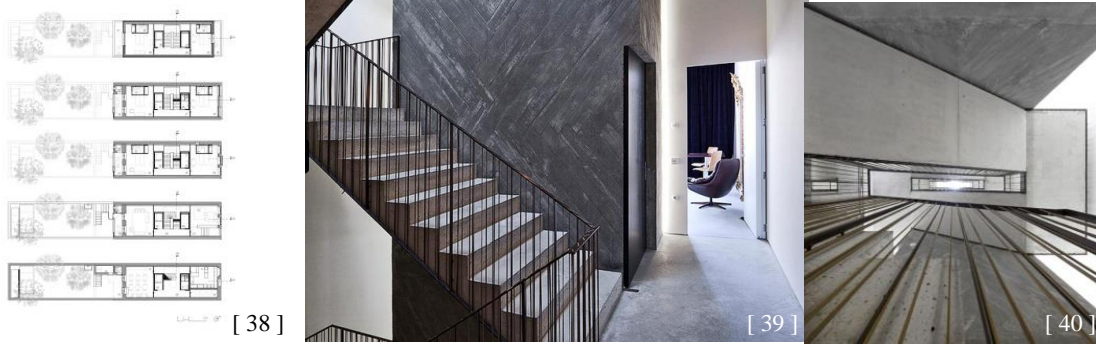
É na rua da Boavista do Porto que encontramos a casa do Conto que tem quatro vidas para contar [31]. No início foi uma casa burguesa⁸ com os seus salões com tectos de gesso ornamentados, com escadaria central, clarabóia e o seu logradouro. Tem todo o ambiente de um quotidiano. Numa segunda vida foi casa de uma mãe solteira em que o rés-do-chão e o sótão serviam como uma república de estudantes e o espaço era destinado para arrendamento. A terceira vida foi breve e acabou ardente, a casa foi adaptada para um hotel especial para quem aprecia lugares diferentes. Na quarta e última vida é um hotel [35]. Passados cem anos entre a sua construção e reabilitação a casa mantém-se fiel ao protótipo de uma casa burguesa.

Em virtude do percurso da casa do Conto, o seu interior encontrava-se devoluto, tirando-se proveito unicamente da fachada principal, que foi devidamente recuperada, e dos respectivos vãos [32], [33] e [34]. O novo espaço desenhado e a organização do programa adaptam-se naturalmente à casa burguesa [36]. A relação do novo elemento arquitectónico desenhado com a pré-existência acontece através de memórias da casa burguesa⁹ [37]. Este hotel tem como conceito conjugar a residência temporária com uma agenda de actividades culturais.



⁸ A casa tipicamente burguesa, do século XIX, por influências Francesas, apresenta uma tipologia tradicional (polifuncional): rés-do-chão destinado ao comércio e o restante da casa para habitação. A casa em estudo teve esta configuração, mas dada a influência Inglesa foi alterada para uma casa burguesa do século XIX mono-funcional, isto é, o rés-do-chão deixou de ser destinado ao comércio, passando toda a casa a ter carácter somente de habitação. (Teixeira,2004).

⁹ Manteve-se o elemento vertical juntamente com a clarabóia, a organização do programa e a divisão do espaço, conservando a mesma linguagem da casa burguesa. São estes pequenos apontamentos na casa do Conto que se traduzem numa memória da casa burguesa. (Teixeira,2004).

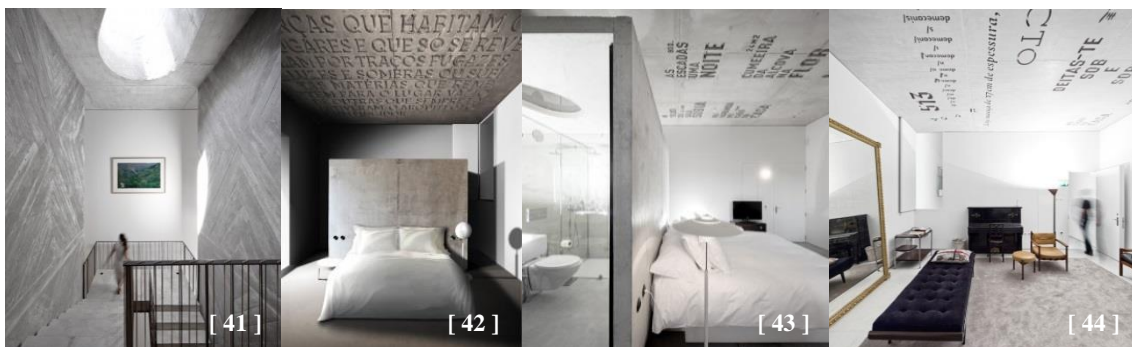


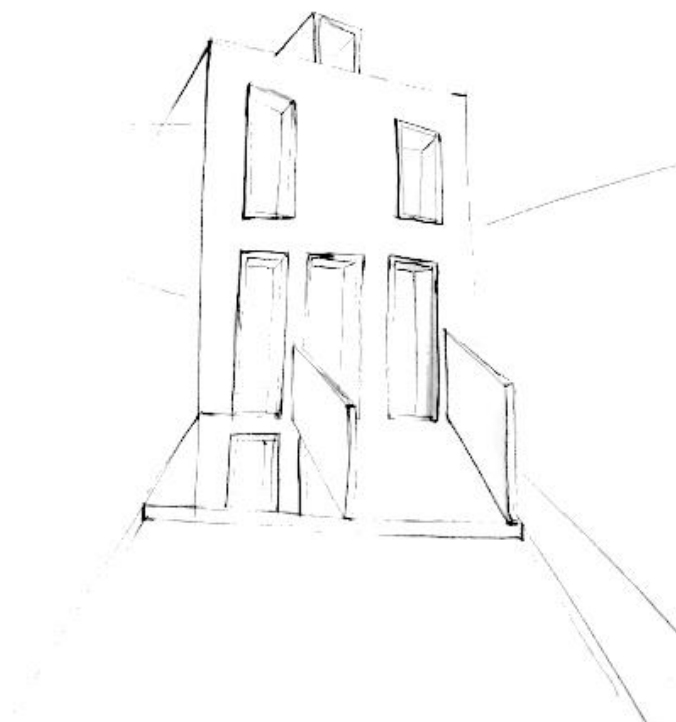
A casa constrói-se num lote regular com seis metros de largura por trinta e oito metros de profundidade, ocupando a área edificada, tendo ainda um logradouro. A casa é composta por quatro pisos e uma cave sobreelevada [38]. O interior é organizado em torno do acesso vertical tendo uma localização central que é acompanhado por uma clarabóia que ilumina todo o espaço de distribuição [39], [40] e [41].

Os pisos da cave e do rés-do-chão são destinados à zona social do hotel, sendo o primeiro destinado a zona de confecção e de refeição e consistindo o segundo numa pequena recepção e sala de estar. Os restantes três pisos estão organizados com quartos, abarcando a área privada do hotel. Esta assume uma configuração distinta consoante a sua localização em relação à fachada principal, posterior ou clarabóia. Foi desenhado em cada piso um bloco sólido de betão onde encontramos as instalações sanitárias e armários para cada um dos quartos [43] e [43].

Os materiais utilizados no interior do hotel foram betão e pintura a tinta cor branca. O betão encontra-se bem presente tanto no pavimento, como nos tectos e nos blocos que existem em cada quarto. Sendo todo o interior de cores ténues e tendo apontamentos nos tectos torna o espaço acolhedor e repleto de memórias [44] .

Realce: Memória do espaço; bloco de betão; jogo de textura entre os materiais escadaria.





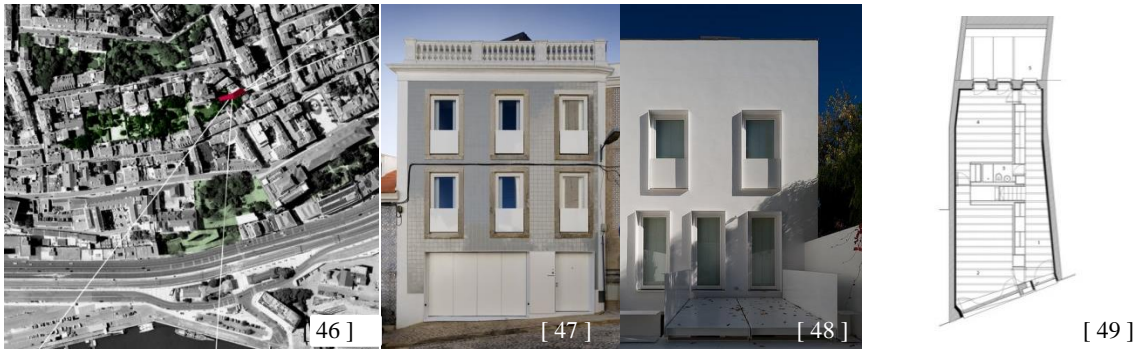
[45]

DESIGNAÇÃO DA OBRA | Casa das janelas verdes

AUTORIA | Pedro Domingos

LOCALIZAÇÃO | Lisboa

DATA | 2008



Este projecto consiste na reconstrução de um edifício do século XIX de quatro pisos com logradouro, inserido no bairro Lapa/Prazeres em Lisboa [46] e tem como uso/função a habitação.

Os elementos que se mantiveram foram as fachadas e as paredes laterais, que foram reforçadas com uma pele de betão, e os vãos exteriores (caixilhos e guardas de betão para melhor isolamento e na cobertura em vez de telha cerâmica, zinco) [47] e [48]. Sendo a estratégia substituir todo o miolo do edifício por um novo, os materiais escolhidos, madeira e gesso, expressam uma tentativa de encontrar uma compatibilidade entre o existente e o novo elemento arquitectónico adicionado, resultando numa réplica do original.

O desenho da habitação não se encontra preso a uma tipologia específica, tendo como objectivo ser funcional, flexível de uso e ter uma ligação fluída com o exterior [49]. Cada piso tem setenta metros quadrados e em cada um deles foi criado um “corpo” central libertando o espaço habitável, o que permite uma maior dinâmica entre as áreas, visto que as paredes divisórias funcionam como “panos” amovíveis [50]. Este corpo central incorpora o acesso vertical, instalações sanitárias e armários [51]. Através desta organização espacial podemos ter uma leitura de um bloco central que separa cada divisão tendo ligação por corredores de cor branca [52].

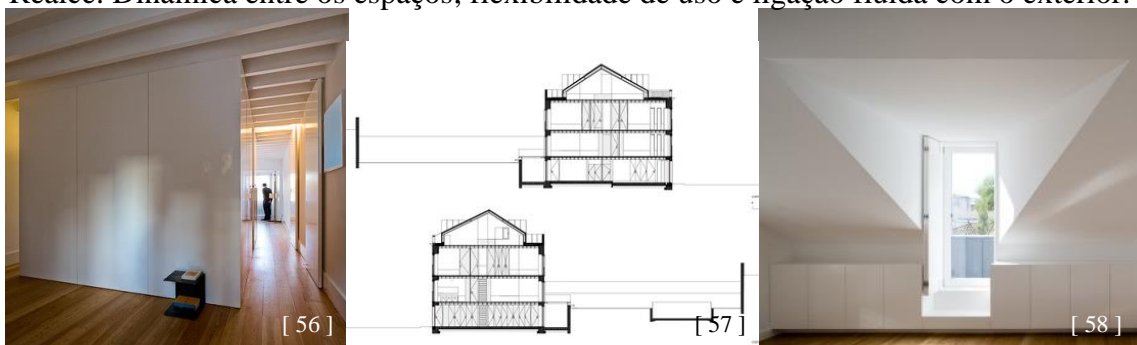




No piso do rés-do-chão encontramos um portão e uma porta, que servem de acesso à garagem e à habitação, respectivamente. Este piso é separado das áreas destinadas à habitação por módulos reservados a arrumos. Ainda neste piso temos um quarto com acesso a um pátio exterior [53]. No piso 1 os espaços habitáveis que integram a sala de refeições e a sala de estar são igualmente separados por um bloco central, que encerra as instalações sanitárias e o acesso vertical. [54]. Neste piso o acesso ao jardim com o tanque é feito através de uma ponte [55]. No piso 2 e 3, o conceito do bloco central mantém-se: o piso 2 é destinado aos quartos, com as respectivas instalações sanitárias privativas e varandas, no último piso encontramos um escritório e uma sala com as respectivas varandas e miradouro para o rio.

Por efeito do contraste entre a cor da madeira do pavimento da habitação e o branco do corpo central temos a percepção de quando uma área da casa começa e acaba, tendo somente uns planos amovíveis para fazer a sua separação [56]. Os espaços habitáveis, graças à sua flexibilidade, vão permitir acompanhar as novas configurações que irão surgir com a evolução da família, isto é, a família cresce e os espaços desenhados conseguem adaptar-se às necessidades desse crescimento [57]. A relação com o exterior enriquece muito a forma de habitar o espaço, desde o jardim que funciona como mais uma sala da casa, ao último piso que se abre à cidade através de duas traineiras deformadas que funcionam como dois olhos que miram o território [58].

Realce: Dinâmica entre os espaços; flexibilidade de uso e ligação fluída com o exterior.





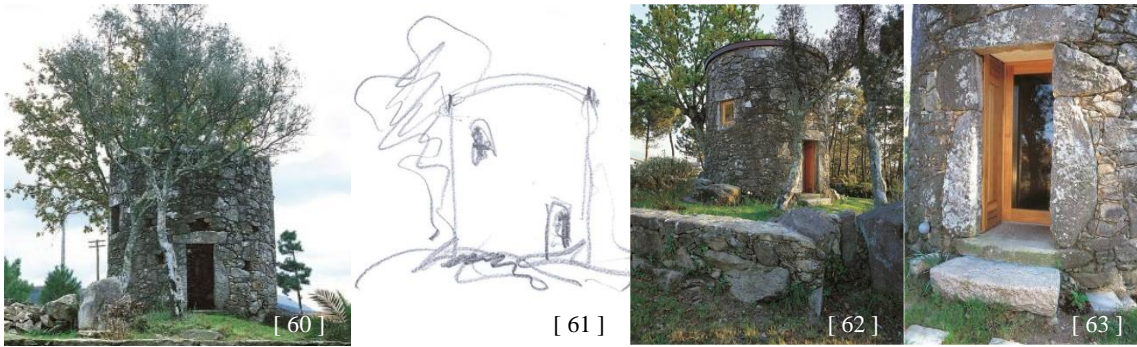
[59]

DESIGNAÇÃO DA OBRA | Casa do moinho

AUTORIA | José Gigante

LOCALIZAÇÃO | Esposende

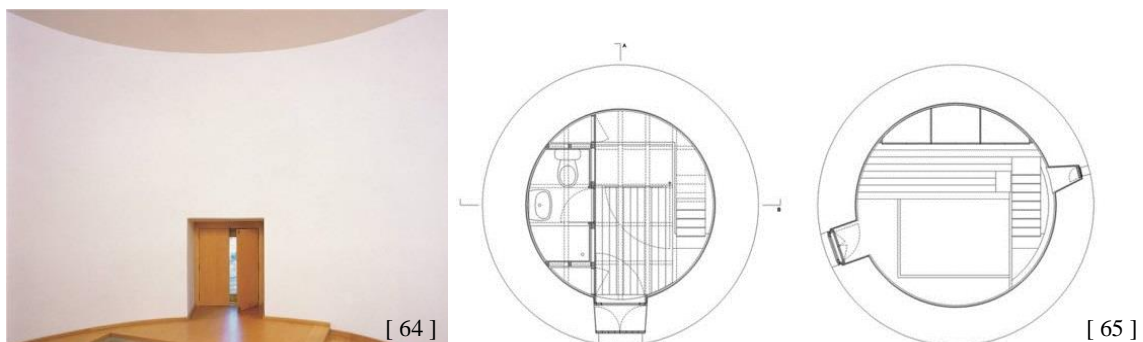
DATA | 1989/1996



Este antigo moinho de vento encontra-se em Esposende inserido no terreno de uma casa recuperada. Surgiu então a ideia de este elemento vir a ser um complemento à habitação já existente [60]. Aconteceu assim uma transformação do moinho, dando-lhe vida própria. Como podemos ver na imagem [61] o esquiço feito pelo arquitecto José Gigante, a árvore, a forma cilíndrica, a porta e a janela são os elementos que caracterizam este projecto, sendo por isso de grande importância a forma como estes são manipulados para a sua adaptação ao novo programa.

Desde a pedra interior, ao seu próprio interior e à cobertura, tudo foi mantido e recuperado, inclusive no espaço da entrada onde o desenho da base da escada foi determinado pela presença de um rochedo, com o objectivo de manter a imagem que caracteriza o moinho. O material utilizado foi maioritariamente madeira e as únicas aberturas são as já previamente existentes [62] e [63].

Assumindo este novo elemento o uso/função como um espaço aconchegante, um espaço de estar e de descanso, nasce, assim, um moinho com uma nova personalidade. A sua transformação começou de dentro para fora. Em consequência da sua altimetria [64], a distribuição do programa é dividida por dois pisos [65], cuja dimensão é de oito metros quadrados em cada um deles; o primeiro piso integra a zona de estar e o último piso abrange a zona de dormir e as instalações sanitárias.





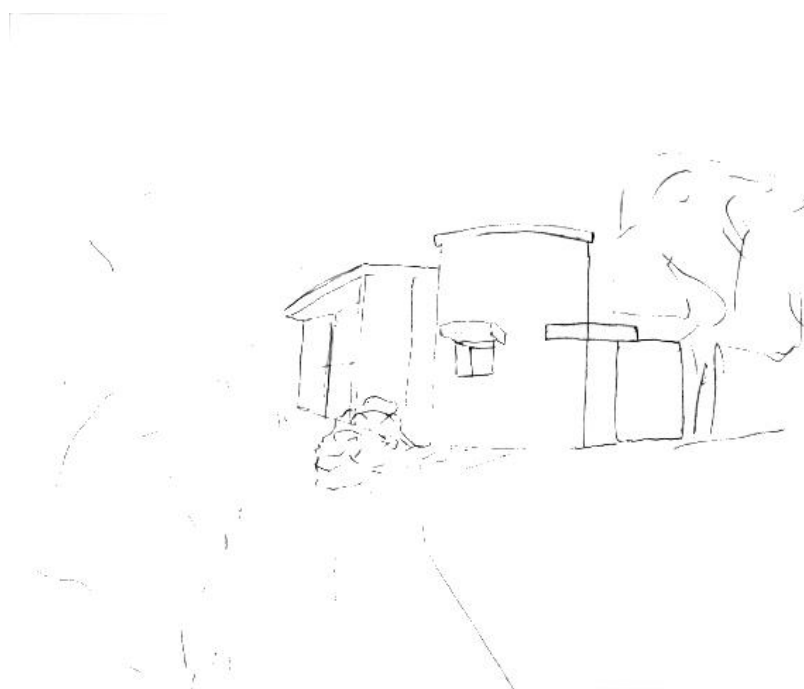
Estamos perante um espaço polivalente, dado à reduzida área e estando o arquitecto limitado a projectar dentro dos limites do moinho, ele pensou em cada pormenor de modo a retirar o máximo partido de toda a área disponível [66]. A presença do moinho foi o suficiente para o arquitecto idealizar todo o programa pretendido, não mais, não menos, só o moinho.

O acesso ao moinho é feito por uma porta envidraçada. Tal particularidade deve-se ao facto de o moinho apresentar um número reduzido de vãos, motivo pelo qual o arquitecto optou por colocar um vidro na porta de madeira com o propósito de o moinho receber mais luz natural no seu interior [67]. Quando entramos somos confrontados com um pé direito alto e paredes brancas que contrastam com a madeira do pavimento e móveis. Este piso está destinado à área de estar, podendo o mesmo ser transformado num espaço de dormir, uma vez que o sofá está incorporado numa caixa onde se encontram todas as peças para a montagem de uma cama [70], [71] e [72]. As instalações encontram-se no piso do rés-do-chão dentro dos painéis de madeira que regularizam um dos lados da sala. O acesso ao piso 1 é feito por uma escada em madeira que acompanha a forma do moinho [68] e está destinado ao quarto [69].

“Quando as paredes ocupam, como é o caso, maior área que o espaço interior, é quase natural que a sua espessura se transforme em fértil território. E é sobretudo nessa espessura que o drama se desenha. “ (Gigante, 2011 , p.40)

Realce: Contraste de materiais: da pedra e madeira, ampliação do espaço/polivalente.





[73]

DESIGNAÇÃO DA OBRA | Casa das marinheiras

AUTORIA | Viana de Lima

LOCALIZAÇÃO | Vilar de Mouros

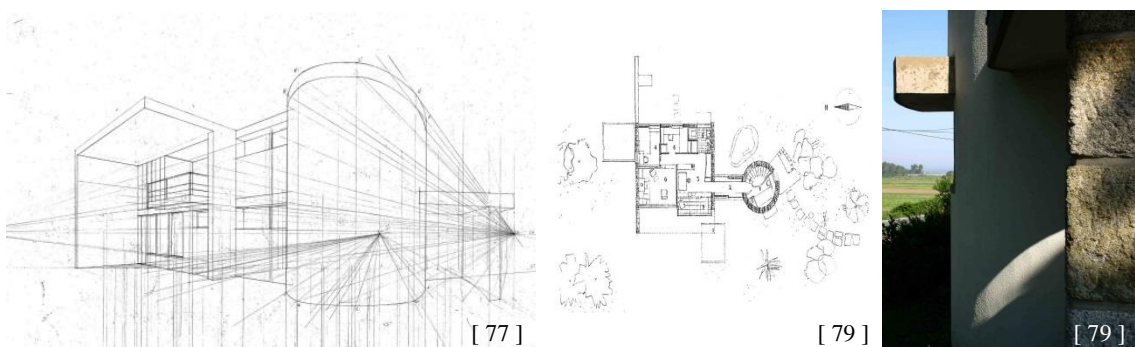
DATA | 1989/1996

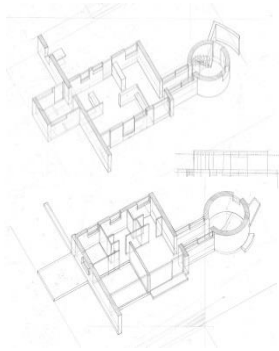


O moinho de vento encontra-se implantado numa pequena colina em Vilar de Mouros. Este projecto consiste em manter e ampliar o moinho de vento tendo o mesmo como uso/função: habitação. Este antigo moinho é o embrião da habitação cuja organização se desenvolve e organiza a partir da pré-existência. Assim sendo, o moinho serve de elemento construtivo da habitação ao qual é associado um novo elemento arquitectónico com a forma de um paralelepípedo [74].

Sendo o objectivo por parte do Arq. Viana de Lima manter e preservar a continuidade da tradição e os princípios da arquitectura moderna, aqui o modernismo assume-se como um “volume puro”, pelo que estamos perante a mistura de dois estilos: o tradicional (influência cultural, a textura da pedra rustica) e o moderno (cobertura plana, planta livre, janelas horizontais), influências de Le Corbusier.

O acesso para esta habitação é feito por uma calçada de pedras até ao moinho [75], sendo este o ponto de maior relevância da casa onde se faz a entrada para a habitação e a ligação dos dois pisos [76]. A ligação deste novo corpo, onde se desenvolve todo o programa, ao moinho acontece através de um estreito paralelepípedo [77] e a própria organização da vegetação envolvente reforça a valorização no ponto de entrada, o moinho [78]. Este paralelepípedo funciona como elemento de transição e de equilíbrio entre o moinho e o novo volume [79].





[80]



[81]

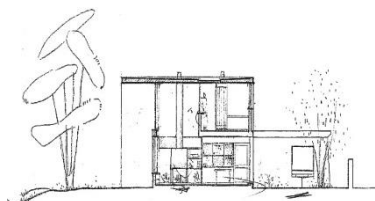


[82]

O programa está organizado em quatro áreas: área de estar; área social, área íntima e área de serviço [80]. No piso 1 encontramos a sala de estar, a cozinha e a respectiva sala de refeições e lavandaria, sendo um desenho de planta livre; os espaços são divididos e, de certa forma limitados, pelo uso dos móveis; e os elementos de divisão do espaço organizam-se em forma de “L” para permitir o pé direito duplo que é acompanhado por uma grande abertura envidraçada [81].

O acesso ao piso 2 é feito no moinho, cujas escadas acompanham a forma cilíndrica do moinho [82]. Este piso destina-se ao quarto e às respectivas instalações sanitárias, à sala de estar e ao *atelier*. O mesmo comunica com a sala de estar do piso do rés-do-chão possibilitando assim a existência de uma área com pé direito duplo [83], através de uma janela que se encontra no corredor onde se estabelece o acesso aos quartos e ao *atelier* [84]. O embrião, o moinho, funciona claramente como elemento de transição e de equilíbrio entre a pré-existência e o novo elemento arquitectónico adicionado. O interior prolonga-se para o exterior através da extensão de um braço em forma de “L” formando uma varanda destinado para refeições ao ar livre junto da natureza [85].

Realce: contraste de formas: cilíndrica/prismática; presença das cores primárias, pré-existência como elemento de conexão entre os dois volumes.



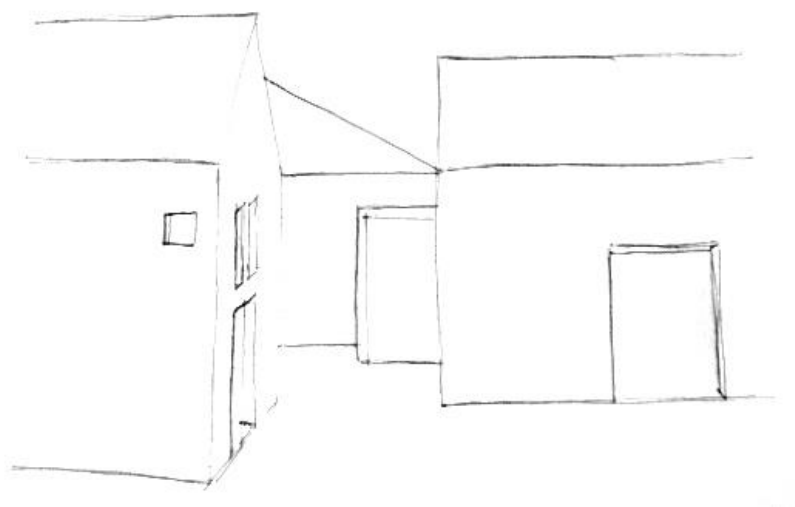
[83]



[84]



[85]



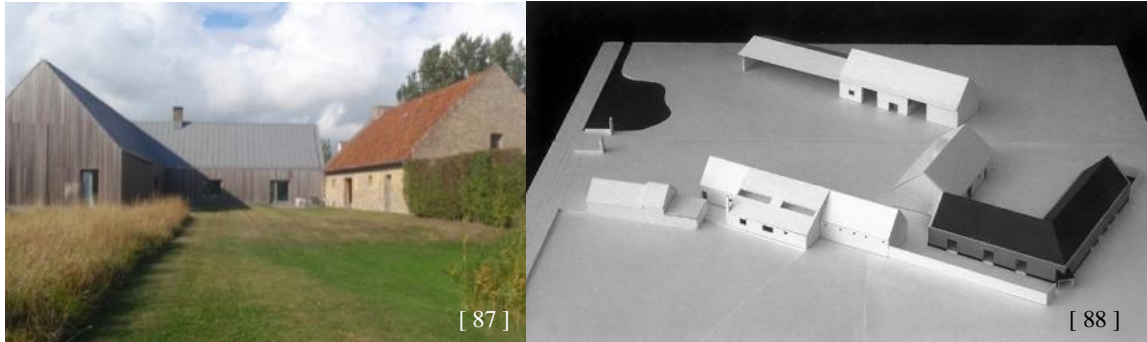
[86]

DESIGNAÇÃO DA OBRA | Casa Van Middelen

AUTORIA | Álvaro Siza Vieira

LOCALIZAÇÃO | Bélgica

DATA | 1997/2001

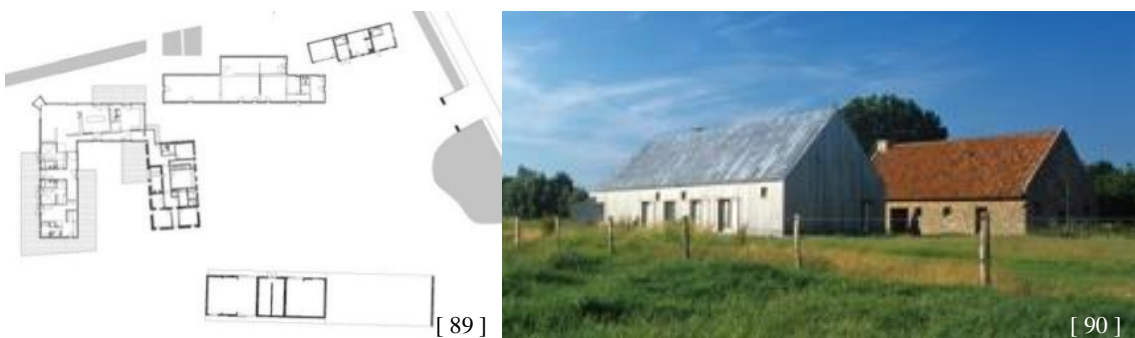


Esta intervenção consiste na restauração, renovação e extensão de um complexo agrícola de uma quinta do século XVIII na Bélgica [87].

O uso/função da pré-existência é a habitação e a função agrícola. A disposição dos volumes existentes é em forma de “U” sendo espaços independentes em torno de um pátio. Os mesmos não se chegam a interceptar dado ao seu uso/função distintos. Este foi o ponto de partida para o desenvolvimento do projecto.

Este projecto inclui três actividades: habitação, armazém e galeria de exposições. Com o objectivo de estas três actividades coexistirem no mesmo espaço, da articulação entre o novo e o pré-existente nasce um lugar de encontro, o pátio [89]. Esta integração entende-se como “construir com tradição”, isto é, volumes modestos com a mesma geometria da pré-existência respeitando as altimetrias. Todo este desenho abraça a pré-existência, conseguindo ler-se como um todo – como podemos ver no esquema da imagem [88]; a cor preta tem o novo elemento arquitectónico adicionado e a branca o pré-existente.

O desenho dos novos volumes distingue-se pelos detalhes e materiais escolhidos. A unidade criada pelo conjunto do novo com o pré-existente são as cores cromáticas que se exprime pelo cinzento azulado do zinco da cobertura, da pedra e das tábuas verticais de madeira de cedro que revestem as paredes [90].





O acesso à casa é feito no confronto do novo elemento arquitectónico desenhado com a pré-existência que acontece num volume que liga as duas casas [91]. A organização do interior da habitação foi pensada em articulação com as intenções dos proprietários sendo o objectivo pensar um espaço onde os utilizadores pudessem usufruir de um lugar repousante, tranquilo e ao mesmo tempo multivalente, não se impondo como ambiente modificador da pessoa que o usufrui.

A nível de programa da habitação no volume já existente encontramos dois escritórios, um quarto, arrumos, instalações sanitárias e uma zona exterior de apoio à jardinagem. Num dos braços do novo volume encontramos a zona social: sala de estar, sala de jantar e cozinha; no outro braço a zona privada: quartos e instalações sanitárias. O desenho da janela de canto cria um jogo de relações interior/exterior, pelo que, com um ângulo específico, resulta no interior um espaço intimista e calmo onde se pode observar a actividade agrícola que ainda decorre [92] e [93].

O novo corpo desenhado em forma de “L” tem ligação com o volume pré-existente destinado ao armazém. Na união destes dois volumes situa-se a entrada para a habitação. O desenho deste novo corpo, erigido em forma de “U”, oferece um pátio a este espaço traduzindo-se num ambiente mais privado [94] e [95].

Realce: Simbiose com a envolvente; ampliação do espaço; encontro do novo elemento arquitectónico desenhado com a pré-existência.



V | DISCUSÃO E COMPARAÇÃO DOS GRUPOS DE ESTUDO

“ Os elementos destinados a ocupar as falhas existentes devem integrar-se harmoniosamente no contexto, tendo que se distinguir das partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história.”

II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos dos Monumentos Históricos,
Carta de Veneza, artigo 12º.

Para uma melhor análise do tema em estudo, foram criados três grupos, sendo cada um deles constituído por dois casos de estudo, à excepção do último que tem na sua constituição três casos de estudo.

Os casos de estudo foram agrupados em virtude da sua aproximação de intervenção, tendo como base o mesmo conceito/princípios. A criação de grupos teve como objectivo verificar que nos encontramos perante três tipos de intervenções diferentes dentro do tema reabilitação.

Nas obras escolhidas para este estudo estamos perante transformações de pré-existências, no entanto todos os casos têm um ponto em comum em relação ao conceito inicial, pois partem de pré-existências que são reconvertidas em “lugares para habitar”. Este estudo procura perceber o processo projectual perante os diversos contextos de cada obra, sendo de realçar não só a importância em estabelecer diálogos entre a contemporaneidade e a tradição, mas também o interesse em estudar as diversas especificidades intrínsecas à reconversão de usos. É nas formas, e nos espaços neles gerados, que nos encontramos com as emoções que por vezes nos indicam referências e recriam imagens, como se o espaço tivesse memória. “Ao invés de exacerbar a dicotomia novo/antigo, ao modo da cultura vigente, Távora quer continuar – inovando, o que significa definir a essência, ou as essências, do edifício e projectá-las de novo, acrescentando aquilo que for necessário.” (Figueira, citado por Bordalo, 2004, p.46).

As pré-existências foram trabalhadas de maneiras diferentes por cada arquitecto. Todavia, em todas o objectivo era o de transformar as pré-existências num “abrigo” embora mantendo a sua própria essência¹⁰. É este o grande desafio de trabalhar com pré-existências. “O trabalho das gerações passadas confere aos edifícios que elas nos legaram um carácter sagrado. As marcas que o tempo imprimiu sobre elas fazem parte da sua essência” (Morris, 2000, p.130).

¹⁰ Essência, neste contexto, significa que, mesmo após a sua transformação, a pré-existência mantém a sua identidade, porque os elementos que a identificam e a distinguem continuam presentes. São propriedades imutáveis.

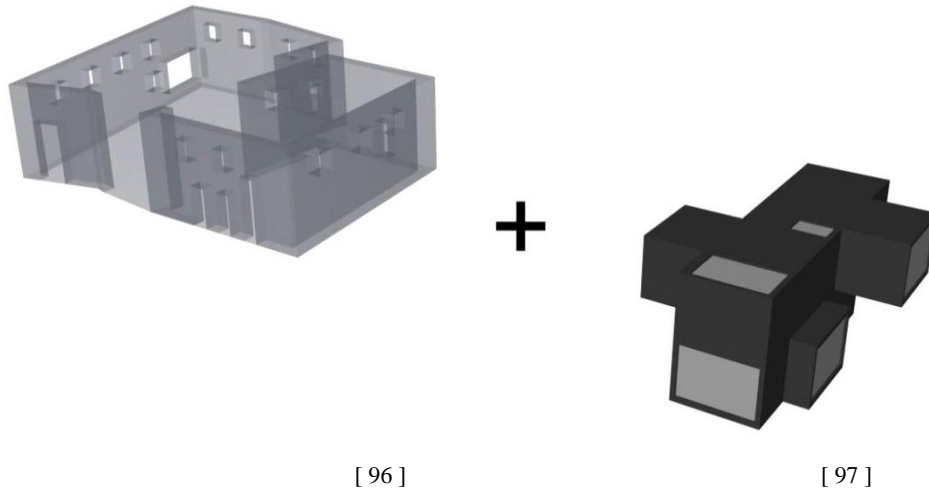
Após a análise de cada caso de estudo através de desenhos rigorosos (plantas, cortes e alçados), imagens de cada obra e esquemas virtuais de autoria própria elaborados para cada obra, foi criada uma tabela para cada um deles respectivamente.

O objectivo desta tabela tem o intuito de resumir a análise feita em itens no que diz respeito ao pré-existente, ao novo e ainda o diálogo entre o novo e o pré-existente. Esta análise vai à procura de perceber qual a atitude dos arquitectos perante as pré-existências e o diálogo que é criado entre ambos. “Todos os três prevalectes ‘ismos’ da arquitectura envolvem a nostalgia, uma doença que envolve a memória – o modernismo, uma nostalgia pelo futuro; o pós-modernismo, uma nostalgia pelo passado; e o contextualismo, uma nostalgia pelo presente. (...) Todas as três memórias – futuro, presente, passado – têm as suas sombras, a perda de memória. Talvez devamos agora aprender a esquecer.” (Eisenman, citado por Batista, 2007, p.11).

V.I | DESDOBRAMENTO

“ (...)acredito que esta relação – entre antiga e nova arquitectura – o vínculo, amplamente entendido, passa por um uso sábio ainda que contrastado dos materiais e das formas, e não através de uma relação mimética ou de adaptação.

(Gracia, 1992, p.134)

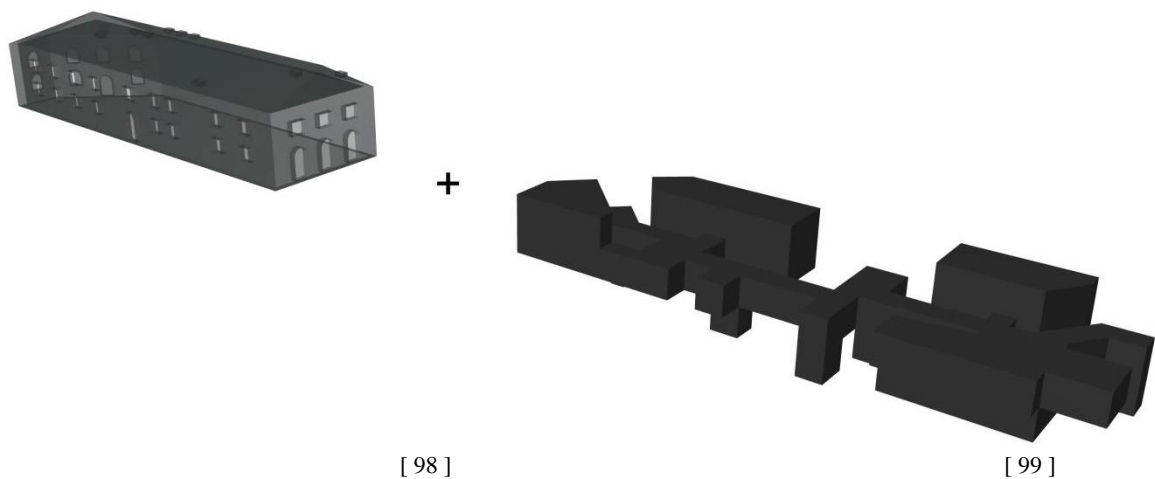


O grupo 1 é constituído pelos seguintes casos de estudo: Casa em Alenquer do Arq. Aires Mateus e Casa dos Cubos da Embaixada dos Arquitectos.

Nos esquemas apresentados podemos fazer uma análise do pré-existente a cor cinzenta e o novo elemento adicionado a cor preta.

Na Casa em Alenquer temos como pré-existente [96] as paredes de duas casas em ruína e as suas respectivas aberturas, as quais foram mantidas e restauradas. E temos como novo corpo adicionado [97] um volume em forma ortogonal constituída por dois pisos com os respectivos vãos.

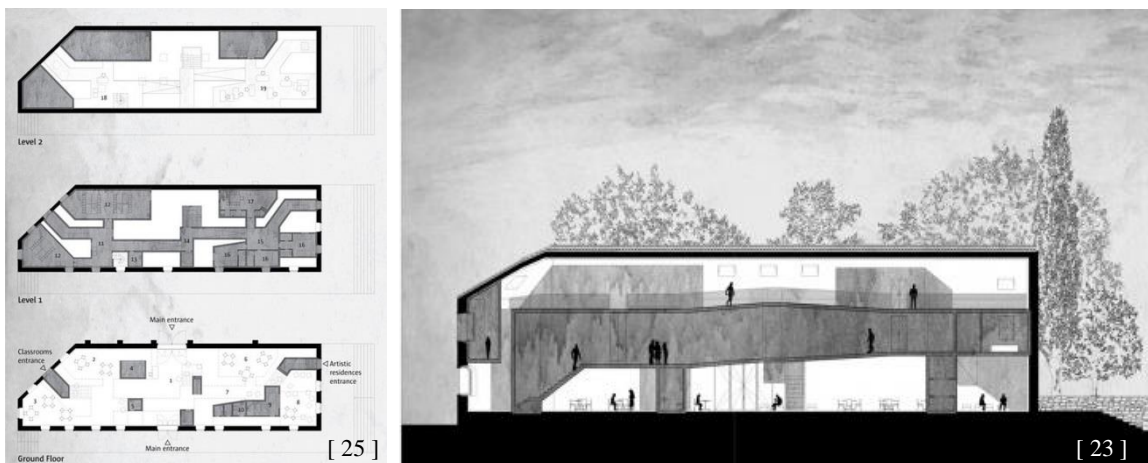
Na Casa dos Cubos temos como pré-existente [98] uma casa de armazenamento e contagem de produtos agrícolas da qual não houve aproveitamento do seu interior, uma vez que da casa somente ficaram as paredes exteriores e a cobertura. Temos como novo corpo adicionado [99] um corpo orgânico constituído por três pisos, sendo os vãos pertencentes ao pré-existente.





Na Casa em Alenquer o limite criado pelo volume da habitação é ampliado pela forma como é trabalhado enquanto espaço limite. Podemos perceber que o pré-existente é trabalhado como um limite que divide dois espaços, o interior e o exterior, havendo uma ligação entre estes dois espaços, sendo ela o jogo e cruzamento de perspectivas através dos vãos [08]. A fachada é constituída por paredes de grande espessura onde existem pontualmente aberturas transmitindo a sensação de um interior subtil e delicado. O espaço e a distância entre o pré-existente e o novo originam a compreensão da tensão criada pelos dois tempos presentes nesta obra [09].

Na Casa dos Cubos nasce no seu interior um novo corpo arquitectónico que percorre todo o espaço disponível [25]. Este novo corpo adicionado cria uma nova série de lugares e situações programáticas, não só nas áreas desta estrutura anatómica como também nas áreas criadas entre o novo e o pré-existente [23]. Este novo corpo encontra-se pontualmente com a pré-existência nas aberturas de luz, sendo todos os vãos pertencentes ao pré-existente.



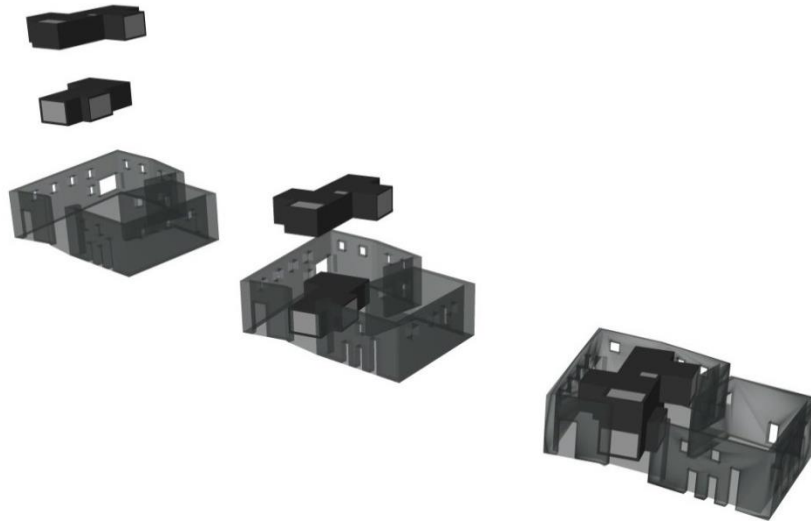
Na Casa dos Cubos o pré-existente não nos transmite o que acontece no interior, já na Casa de Alenquer através do pré-existente conseguimos ter percepção do que acontece no seu interior. Nesta o novo afasta-se do pré-existente, na Casa dos Cubos existe uma espécie de pele e só no interior é que acontece esse afastamento, através do desenho do novo corpo arquitectónico adicionado.

Os desenhos da volumetria e dos vãos são distintos em ambas as obras, sendo que na Casa em Alenquer a planta organiza-se numa malha ortogonal que procura manter o paralelismo com um dos dois lados da pré-existência, assumindo um desenho ortogonal. O desenho dos vãos, sendo eles os do pré-existente, apresenta uma transparência conseguindo-se através dela ter percepção do novo interior, como que de uma casa dentro de uma casa.

Na Casa dos Cubos o pré-existente funciona como um limite para o desenho do seu interior tendo o novo corpo o desenho de uma estrutura anatómica. No desenho dos vãos podemos perceber que foram aproveitados e recuperados do pré-existente sendo que tal geometria não afecta o desenho do interior, pois o novo corpo vai ao encontro dos vãos.

Na Casa em Alenquer o arquitecto utilizou os limites do pré-existente como se fossem os limites do terreno e não como os limites para o desenho do projecto. Dentro dessa área de limites de construção antiga desenvolveu-se, por um lado, um conceito de uma casa que tivesse espaço exterior livre e amplo e, por outro, uma habitação. Usou-se o limite da construção antiga como limite de implantação do novo projecto.

Em ambos o novo afasta-se do pré-existente: a Casa em Alenquer marca fisicamente um distanciamento entre a pré-existência e o novo, e a Casa dos Cubos tem uma ligação directa quando o novo corpo se encontra com o pré-existente para as aberturas de luz, sendo todavia toda a estrutura anatómica independente do pré-existente.



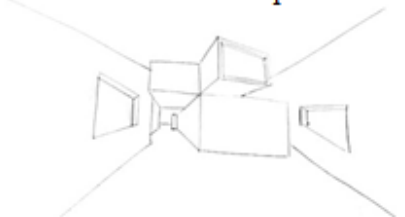

[100]

Quando nos encontramos perante uma reabilitação, normalmente o primeiro pensamento seria tirar o máximo partido do pré-existente e trabalhar nos limites do mesmo. O conceito neste caso não é esse, pois rompe o que é mais comum no que toca à reabilitação. Perante o pré-existente, este foi encarado como um limite do terreno com base num conceito e num programa que não ocuparia toda a área. O pré-existente foi gerador do desenho (das aberturas e alinhamentos), ou seja, foi este limite que configurou o desenho, configurou a forma e toda a organização do projecto.

No Casa em Alenquer o novo corpo adicionado fechou-se, não se agarrou ao pré-existente, afastou-se e criou um paralelismo com uma das fachadas do pré-existente. Os vãos do pré-existente vão ao encontro dos vãos do novo corpo adicionado. O projecto foi desenvolvido dentro dos limites do pré-existente encarando-o como os limites do terreno [100]. Na Casa dos Cubos o novo corpo adicionado encostou-se pontualmente aos limites do pré-existente para ir ao encontro das aberturas de luz e criou-se no seu interior uma orgânica de espaços livres sendo iluminados através do pré-existente [101].



[101]

GRUPO 1 DESDOBRAMENTO	Casa em Alenquer 	Casa dos Cubos 
PRÉ-EXISTENTE	<ul style="list-style-type: none"> - Ruínas -Transparência 	<ul style="list-style-type: none"> - Volume contido - Geometria
NOVO	<ul style="list-style-type: none"> - Forma ortogonal - Vai ao encontro com o pré-existente visualmente 	<ul style="list-style-type: none"> - Estrutura anatómica - Vai ao encontro com o pré-existente de forma física
DIÁLOGO ENTRE O NOVO E O PRÉ-EXISTENTE	<ul style="list-style-type: none"> - Jogos de luz e sombra - Afastamento mantendo o diálogo através dos vãos 	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação através dos vãos - Espécie de pele

[102]

Quando analisamos o pré-existente da Casa em Alenquer observamos que ambas as casas se encontravam em ruínas e tinham só como ponto de partida para esta reabilitação as oito paredes das casas; transmitia ainda uma transparência para o seu interior através dos vãos. O pré-existente é-nos apresentado através de um volume contido, cujas fachadas intactas e respectivas coberturas se encontram intactas. De salientar igualmente que a geometria dos vãos apresenta um jogo interessante no seu conjunto.

O novo corpo adicionado na Casa em Alenquer apresenta uma forma ortogonal de dois pisos que vai ao encontro com a pré-existência através dos vãos, isto é, tanto o pré-existente como o novo corpo têm na sua constituição vãos, sendo que os primeiros só apresentam aberturas e dispensam qualquer tipo de vidro e caixilharia, enquanto os segundos apresentam vidros com a respectiva caixilharia. O diálogo entre os dois corpos acontece, deste modo, através dos vãos. Note-se que a orientação das aberturas do novo corpo adicionado vai ao encontro das aberturas do pré-existente criando assim um jogo de luz e sombras.

O novo corpo adicionado na Casa dos Cubos apresenta uma estrutura anatómica que vai de encontro ao pré-existente através dos vãos, comunicando fisicamente; ao invés do que sucede na Casa em Alenquer, na qual estes comunicam visualmente, na medida em que o novo e o pré-existente se tocam. O pré-existente aqui desempenha o papel de uma “pele” que protege o seu interior; o novo corpo adicionado percorre o interior do pré-existente livremente indo ao encontro dos vãos quando necessário, tendo como limites a área de construção, mas já não uma “dependência” do pré-existente para o seu desenho.

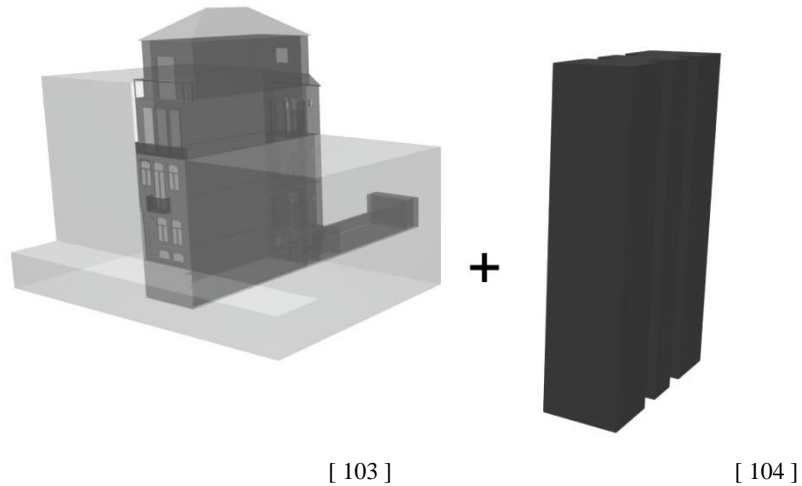
No diálogo entre o novo e o pré-existente destas duas obras, percebemos que há uma preocupação por parte dos arquitectos não só em relação à utilização e recuperação do pré-existente, mas também no que toca aos jogos de luz. Neste grupo de estudo, os limites do pré-existente são utilizados para desenvolver o novo corpo adicionado, o qual é trabalhado enquanto espaço-limite. Estamos perante um caso em que só observamos reabilitação no limite construído, pois em ambas as obras nenhuma das paredes da pré-existência é utilizada como sendo parede da casa, dado que o pré-existente neste caso funciona como uma parede-limite.

No diálogo entre o novo e o pré-existente podemos observar que estamos perante uma obra dentro de uma obra. O novo corpo adicionado ao pré-existente torná-los-á inseparáveis, originando uma fusão de duas linguagens arquitectónicas. Com esta ligação/diálogo, ficará definido que uma parte seja lida através da outra.

V.II | SINTETIZAÇÃO

“A memória como acto de vontade deliberado projecta-nos decididamente na corrente da história, para lá das grilhetas, das certezas presumidas e das triviais amarras do presente. Através da memória o futuro torna-se possível, um futuro que o passado não consegue, e o presente não se atreve, a pensar.”

(Baptista, 2007, p.8)

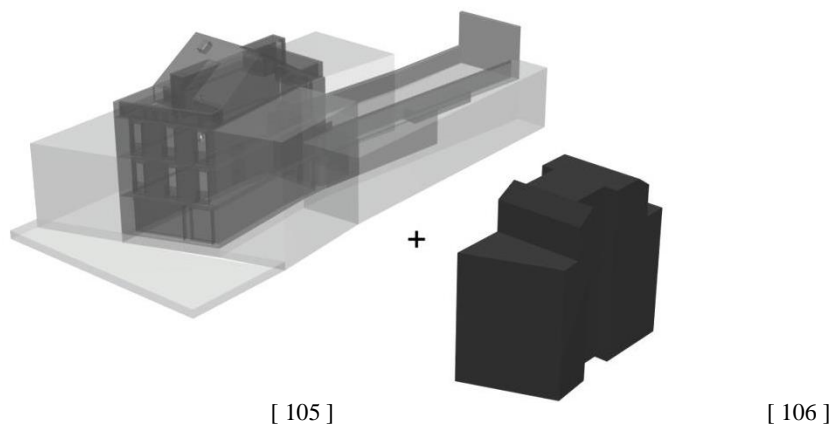


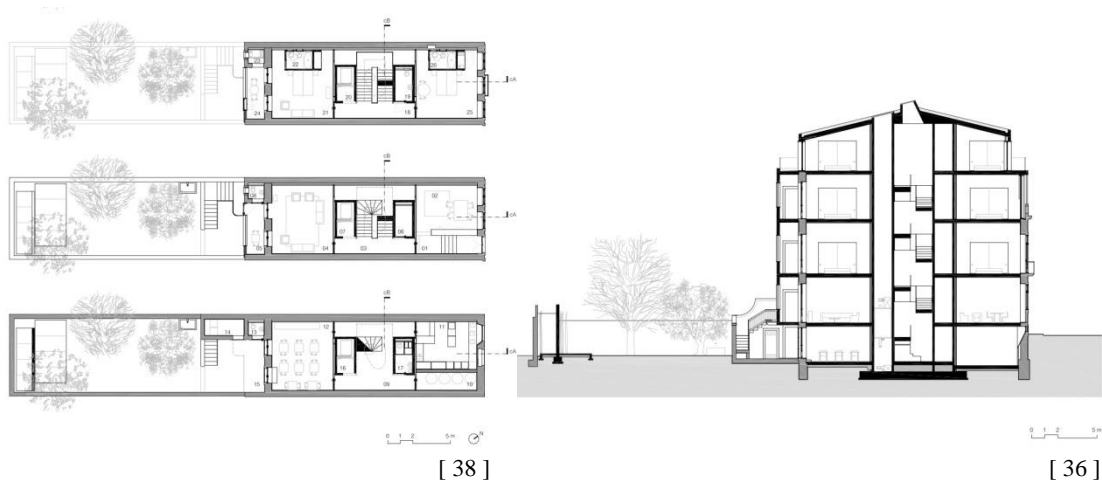
O grupo 2 é constituído pelos seguintes casos de estudo: Casa do Conto dos Pedra Líquida e Casa das Janelas Verdes do Arq. Pedro Domingues.

Nos esquemas apresentados podemos fazer uma análise do pré-existente a cor cinzenta e o novo elemento adicionado a cor preta.

Na Casa do Conto temos como pré-existente [103] as paredes de uma casa tipicamente burguesa, respectivos vãos, os quais foram mantidos e restaurados; o seu interior apresenta-se num estado devoluto. Por sua vez, temos como novo corpo adicionado [104] um paralelepípedo que é subdividido em vários tamanhos consoante o seu uso/função e é constituído por cinco pisos.

Na Casa das Janelas Verdes temos como pré-existente [105] uma casa destinada a habitação da qual não houve aproveitamento do seu interior, ficando da mesma somente as paredes exteriores e a cobertura. Temos como novo corpo adicionado [106] um paralelepípedo que é subdividido em vários tamanhos consoante o seu uso/função e é constituído por quatro pisos.

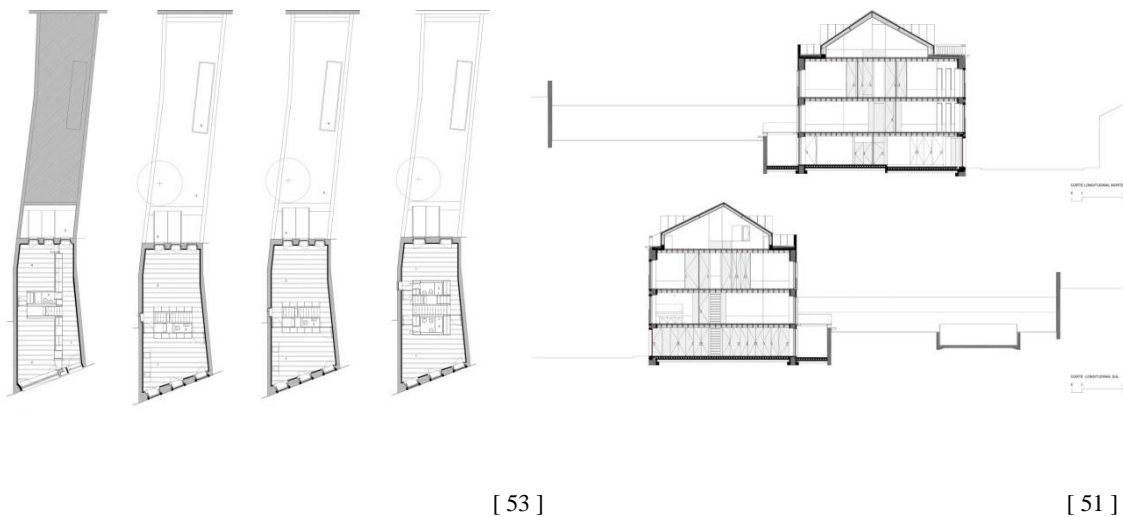




Na Casa do Conto os únicos elementos aproveitados e recuperados do pré-existente foram as paredes exteriores, que apresentam uma grande espessura, e os seus respectivos vãos. O novo corpo adicionado em forma paralelepipedal de várias dimensões consoante o uso/função vai de encontro àquilo que é a casa Burguesa, perceptível na sua distribuição.

Na Casa das Janelas Verdes o pré-existente foi mantido e recuperado à excepção do seu interior, que não foi aproveitado. O novo corpo adicionado de forma paralelepipedal, juntamente com o programa, é organizado no seu interior de modo a tirar o máximo partido dos vãos do pré-existente.

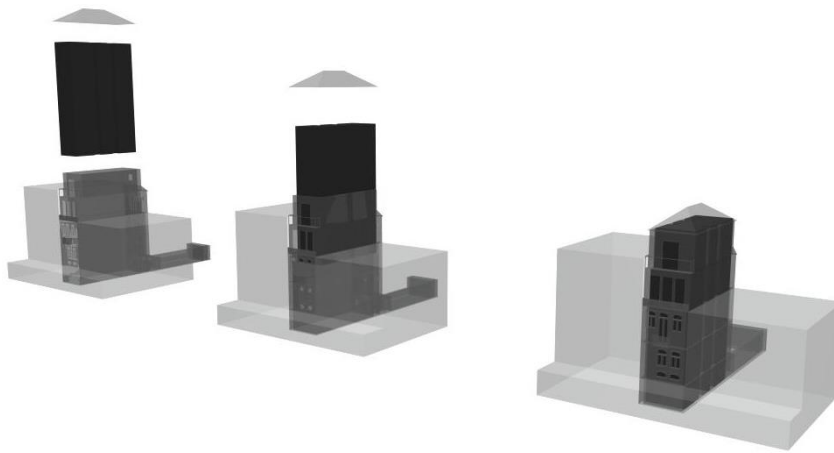
Em ambos o pré-existente é trabalhado como um limite de delimitação, sendo que toda a sua área é aproveitada e trabalhada. O novo corpo adicionado foi encaixado nos limites do pré-existente, observando-se que o novo vive nas fachadas do pré-existente já recuperadas.



Na Casa do Conto a orientação do acesso vertical foi mantida, sendo ela central e tendo uma clarabóia que ilumina todo a zona de circulação. A nível de programa, houve algumas alterações em relação ao pré-existente. No rés-do-chão o antigo espaço destinado ao escritório foi adaptado para a recepção do hotel e, no outro extremo, onde seria a antiga sala de refeições, erigiram-se a sala de estar e uma biblioteca. A nova sala de refeições e zona de confecção desceu ao piso da cave, onde outrora fora destinada à cozinha. Os restantes pisos ficariam assim reservados às áreas íntimas, constituindo estas seis quartos com configurações e dimensões diferentes consoante o espaço pré-existente e a sua localização em relação com as fachadas. O desenho dos quartos tem uma certa particularidade em virtude de as instalações sanitárias serem desenvolvidas dentro de um bloco de betão cujos tectos apresentam frases gravadas no betão. O desenho das instalações sanitárias nos pisos dos quartos foi uma adaptação para o novo programa, pois a pré-existência não respondia ao mesmo desenho.

Na Casa das Janelas Verdes a fachada principal sofreu alterações, visto o novo programa ser destinado somente a habitação. Por conseguinte, no piso rés-do-chão foi necessário colocar um portão para o acesso à garagem. O novo corpo adicionado está organizado por um bloco central que alberga o acesso vertical, as instalações sanitárias e os arrumos, tendo assim como espaço resultante áreas livres destinadas para o programa previsto. Desta forma, a distribuição do programa torna-se muito simples, sendo a estratégia desenhar um espaço flexível de usos, tirando o máximo partido da iluminação através do pré-existente. O interior é prolongado para o exterior através de um passadiço a nível do primeiro piso.

Em ambos o ponto de partida foi tirar o máximo partido do pré-existente, aceitando as limitações e capacidades do espaço existente, criando comodidades que a casa não possuía. O programa foi adaptado ao pré-existente e, de certa forma, o novo corpo adicionado cingiu-se aos limites do pré-existente, pois ficou contido no seu interior ocupando toda a área livre.

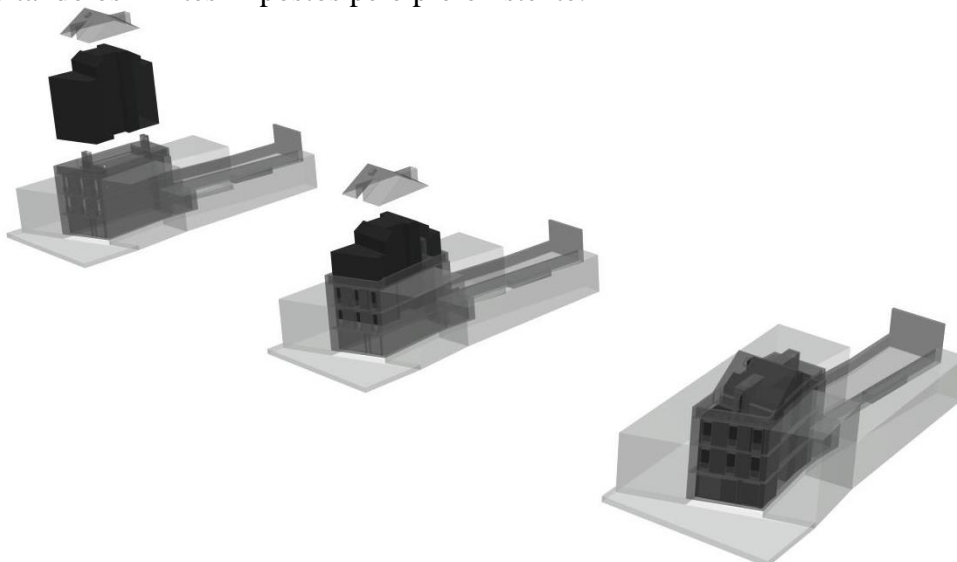


[107]


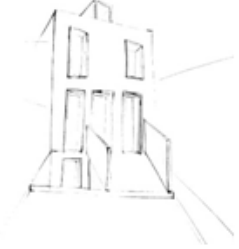
Em ambas as obras o pré-existente é mantido e restaurado, embora pontualmente sofra alterações que não alteram a sua “imagem”, mostrando claramente o pré-existente como uma condicionante nos projectos, pois o novo corpo adicionado é contido no pré-existente. Assim sendo, os espaços desenhados com a presença do pré-existente condicionam o desenho dos projectos, isto é, o desenho do novo corpo adicionado é ajustado ao pré-existente.

Neste tipo de intervenção observamos uma continuidade e preocupação com o que vem de trás: para além de o pré-existente ser mantido, este tem uma continuidade no seu uso/função e as alterações feitas relativamente ao programa que exigiram alterações nas fachadas não comprometeram a sua forma original. Apesar de ter sido valorizado o pré-existente, o seu interior não foi mantido.

Como podemos observar nos esquemas apresentados, em ambos os casos [107] e [108], o novo corpo adicionado tem uma relação directa com o pré-existente, uma vez que todo o interior é preenchido tirando o máximo partido de toda a área disponível e respeitando os limites impostos pelo pré-existente.



[108]

GRUPO 2 Sintetização	 Casa do Conto	 Casa das janelas verdes
PRÉ-EXISTENTE	<ul style="list-style-type: none"> - Fachada - Ruína 	<ul style="list-style-type: none"> - Geometria - Continuidade da imagem de rua
NOVO	<ul style="list-style-type: none"> - Volume contido - Mantém identidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Volume contido - Flexibilidade de uso
DIÁLOGO ENTRE O NOVO E O PRÉ-EXISTENTE	<ul style="list-style-type: none"> - Relação directa - Programa e fachada comunicam entre si 	<ul style="list-style-type: none"> - Ocupação do espaço -Prolongação do interior para o exterior

[109]

Quando analisamos o pré-existente da Casa do Conto observamos que se encontrava num estado degradado dado ao incêndio, tendo-se assim, como ponto de partida para esta reabilitação, as fachadas principais da casa e seus vãos. Na Casa das Janelas Verdes a pré-existência é-nos apresentada através de um lote, tendo todas as fachadas intactas e respectiva cobertura, e a geometria dos vãos apresenta um jogo interessante no seu conjunto.

O novo corpo adicionado na Casa do Conto apresenta uma forma paralelepipedal de cinco pisos que tem uma relação directa com o pré-existente, isto é, o novo corpo foi encaixado no limite do pré-existente e vive nas fachadas reabilitadas, e a adição do novo corpo não alterou a sua composição formal.

Na casa das Janelas Verdes o novo corpo adicionado apresenta uma flexibilidade de usos, sendo que existe um bloco central que alberga o essencial para o funcionamento da habitação deixando livres os espaços junto às janelas.

Em ambas as obras o novo encontra-se absorvido pelo pré-existente mantendo a sua identidade. O diálogo entre os dois corpos acontece através das fachadas, onde existe uma relação directa, ou seja, o programa e a fachada comunicam entre si no sentido em que a casa vive na fachada já recuperada, sendo ela aqui um limite de delimitação.

O pré-existente foi mantido e recuperado, não tendo sido aproveitado o miolo em ambas as obras. A conexão entre este e o novo corpo adicionado é restabelecida de modo a voltar a formar uma única entidade, anulando assim uma ideia de imagem fragmentada entre o pré-existente e o novo. Estes dois corpos comunicam entre si, no sentido em que o novo é acolhido pelo pré-existente, sendo este claramente respeitado nos seus limites e potencialidades. Estas duas linguagens respeitam-se mutuamente, isto é, o novo potencia o valor do pré-existente e o pré-existente dá todas as dicas para potenciar o valor do novo.

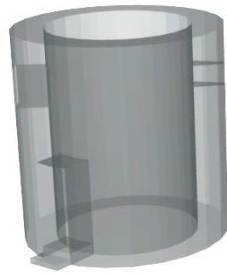
Neste caso de estudo o pré-existente faz parte da intervenção, não se impõe perante o programa que é adicionado, os dois corpos fundem-se num só e encontram a simbiose perfeita para o seu convívio.

O programa em ambos ocupa o espaço interior do pré-existente, mas o mesmo não se cinge a desenvolver dentro dessas quatro paredes, pois prolonga-se para o exterior, o que se manifesta num espaço tratado que permite que o programa se desenvolva e se estenda também para exterior tirando partido de todo o espaço delimitado pelo pré-existente.

V.III | REINTERPRETAÇÃO

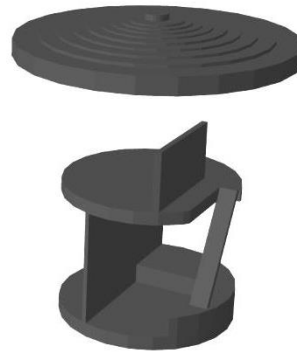
“Aceitar a dimensão temporal da arquitectura, tanto no uso como na prática projectual, significa reconhecer o inevitável processo de mudança através do tempo...”

(Gracia, 1992, p.178).



[110]

+



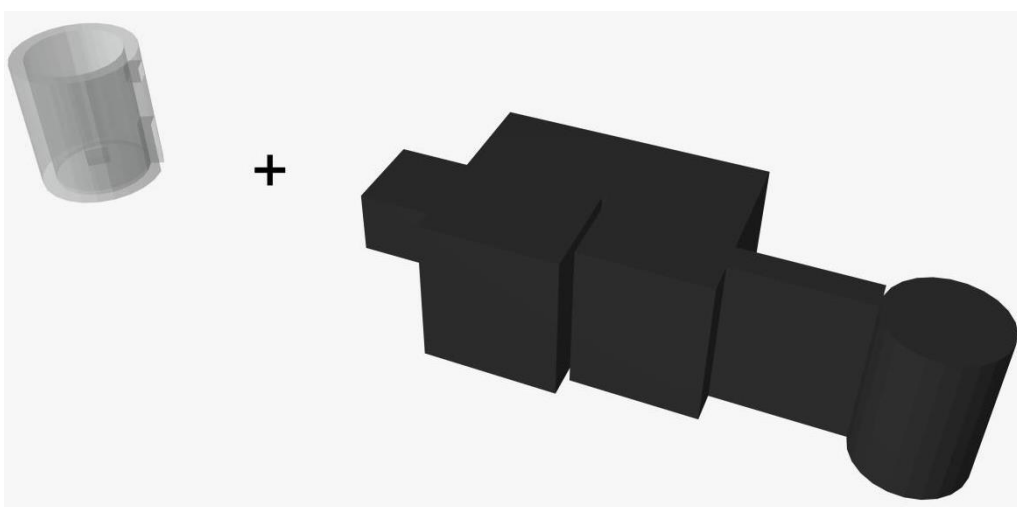
[111]

O grupo 3 é constituído pelos seguintes casos de estudo: Casa do Moinho do Arq. José Gigante, Casa das Marinheiras do Arq. Viana de Lima e Casa Van Middelen do Arq. Siza Vieira.

Nos esquemas apresentados [110] ; [111] , [112] e [113] , podemos fazer uma análise do pré-existente a cor cinzenta e o novo elemento adicionado a cor preta.

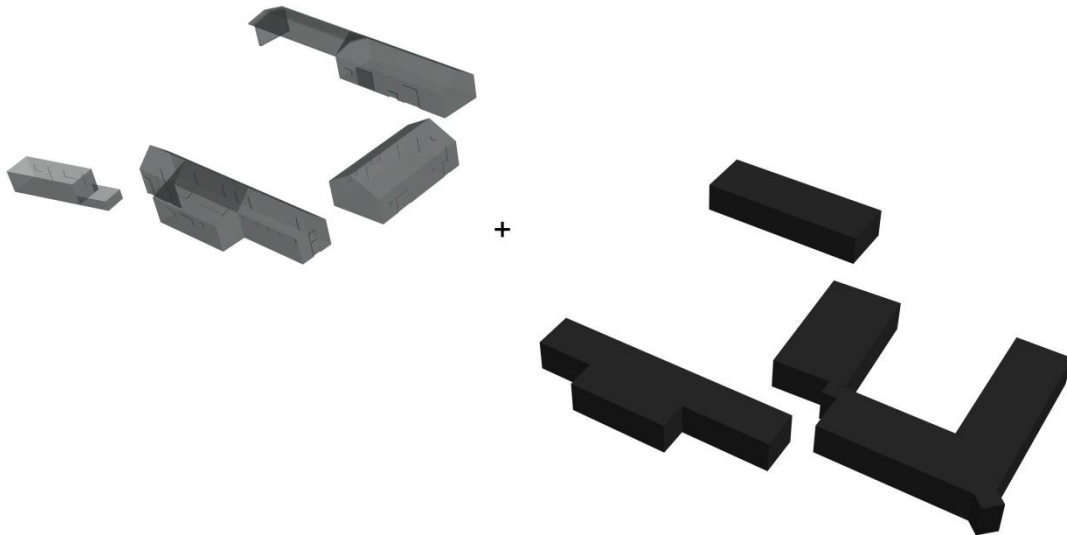
Na Casa do Moinho temos como pré-existente [110] as paredes em pedra de um moinho e os seus respectivos vãos, as quais foram mantidas e restauradas. E temos um novo corpo adicionado no seu interior [111] em forma de um cilindro constituído por dois pisos.

Na Casa das Marinheiras temos como pré-existente [112] um moinho de vento, as suas paredes e respectivos vãos que foram restaurados. Temos como novo corpo adicionado [113] um paralelepípedo que se subdivide em várias secções e é constituído por dois pisos.



[112]

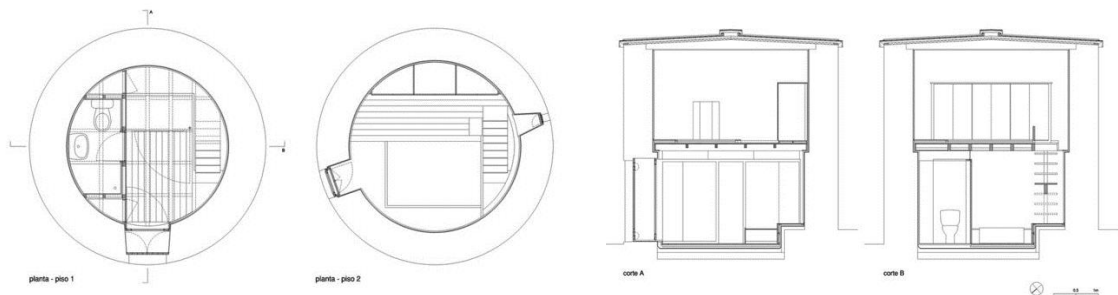
[113]



[114]

[115]

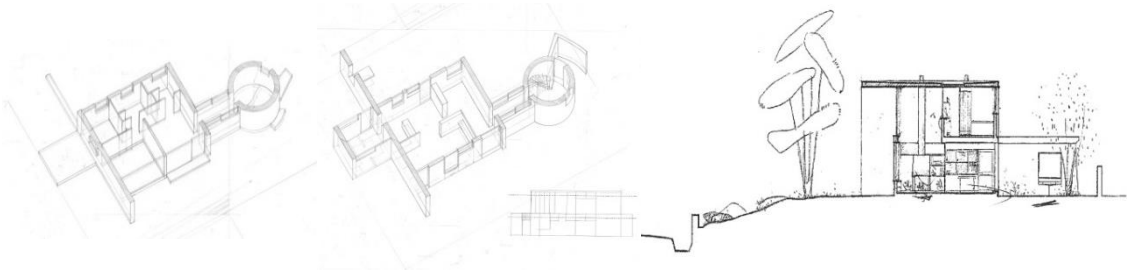
Na Casa Van Middelen temos como pré-existente [114] três volumes os quais têm uso/função próprio que foram mantidos e restaurados. E temos como novo corpo adicionado [115] um corpo em forma de “L” constituído por um piso.



[65]

[66]

Na Casa do Moinho o uso/função alterou-se e aconteceu um reaproveitamento dos materiais pré-existentes, a pedra e os vãos. No interior o programa muda radicalmente e acontece uma ampliação no sentido vertical, pois o moinho ganha um novo piso. Os materiais utilizados no seu interior são maioritariamente madeira e os vãos do moinho são camuflados com a sua envolvente dado à cor e textura escolhidas.

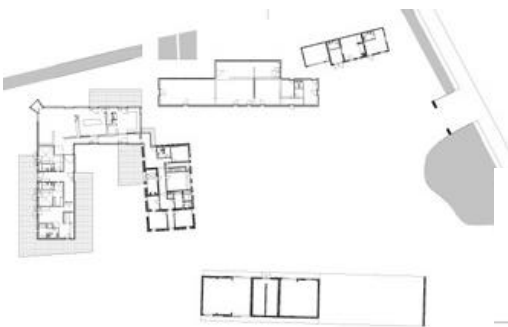


[79]

[82]

Na Casa das Marinheiras acontece, de igual modo, uma alteração de uso/função e uma ampliação, na qual o moinho se encontra completamente absorvido pelo novo projecto. São feitas algumas alterações na pré-existência, porque os limites da mesma não são respeitados e sofrem uma ampliação. Aqui a pré-existência, o moinho, é o embrião da habitação, é o elemento de arranque para o desenvolvimento do projecto, não é uma barreira para o projecto. O elemento de ligação entre o pré-existente e o novo acontece através do desenho de um volume paralelepípedo, que funciona como elemento de transição e de equilíbrio entre o moinho e o novo volume, e os vãos vão ao encontro de toda a geometria desenhada para a habitação.

Na Casa Van Middelen acontece um pouco como na Casa das Marinheiras, visto que o uso/função é alterado, a pré-existência é mantida e sofre um aumento, sendo que neste caso, o novo volume acrescentado à pré-existência tem o cuidado de ter grande proximidade com a sua envolvente, tanto a nível de altimetrias como a nível da geometria e materiais. A unidade criada pelo conjunto do novo com o pré-existente é formada pelas cores cromáticas, que se exprime pela cor do zinco e da madeira de cedro. Por sua vez, o desenho dos novos volumes distingue-se da pré-existência pelos detalhes escolhidos. É notória a presença do novo em relação ao pré-existente, na medida em que os vãos são mais arrojados relativamente ao pré-existente, mas apresentam uma camuflagem na leitura do todo dado à geometria escolhida.



[89]

[94]

O uso/função do pré-existente é completamente posto de lado e os próprios limites não são respeitados. Nestas três obras o pré-existente é mantido e restaurado, sofrendo ampliações que alteram a sua “imagem de origem”, não resultando este como uma condicionante dos projectos. Assim sendo os espaços desenhados com a presença do pré-existente condicionam o desenho dos casos de estudo do grupo 3 mas não pelo limite, não são uma barreira para a organização do programa, excepto na casa do moinho em que a pré-existência é claramente respeitada, sofrendo alterações no seu interior.

Na Casa do Moinho através do pré-existente não é transmitido o que acontece no interior. O pré-existente oferecia as dimensões necessárias para satisfazer e responder ao novo programa complementar à habitação já existente naquele terreno. Nesta obra assistimos a uma ampliação no seu interior: enquanto o Moinho se cingia a um único piso para o seu uso/função, o Arquitecto, para conseguir responder ao programa, teve que proceder a uma ampliação dentro do pré-existente, passando o antigo Moinho a ser constituído por dois pisos, não alterando assim a sua forma inicial.

Na Casa das Marinheiras a ampliação acontece para lá do pré-existente. É introduzido um novo volume pelo facto de o pré-existente não conseguir albergar o novo programa. O novo corpo adicionado comunica com o pré-existente, tocam-se, existe uma ligação funcional que se manifesta através de um paralelepípedo, a existência desta ligação é a razão para a criação do novo corpo. Os materiais marcam a diferença entre os dois corpos, sendo o pré-existente constituído pela rugosidade da pedra e o novo por paredes lisas a cor branca e apontamentos a cor azul e vermelha.

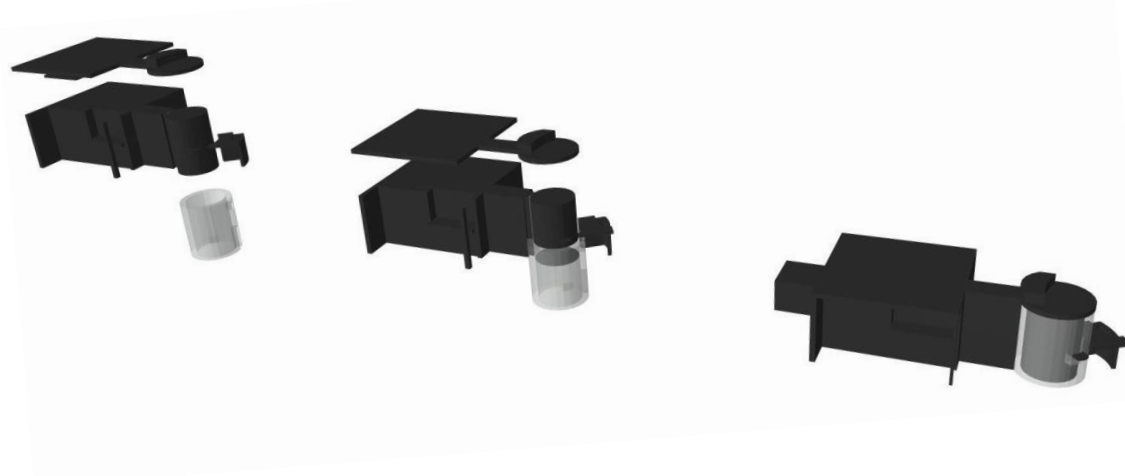
Na Casa Van Middelen o novo volume adicionado comunica com o pré-existente, isto é, existe uma ligação funcional entre os dois corpos do qual este conjunto de volumes transmite uma grande proximidade a nível de altimetrias, cores e proporções. Foi claro que a matéria do pré-existente actuou como pano de fundo para o estudo do novo corpo adicionado. O pormenor contemporâneo promove a ligação e ao mesmo tempo a ruptura entre os dois corpos, o pré-existente e o novo. O novo corpo adicionado apresenta na sua constituição paredes em madeira e cobertura em zinco, enquanto o pré-existente apresenta paredes em tijolo e cobertura em telha. Apesar da opção por escolha de materiais diferentes, tal facto não compromete a unidade arquitectónica do conjunto.



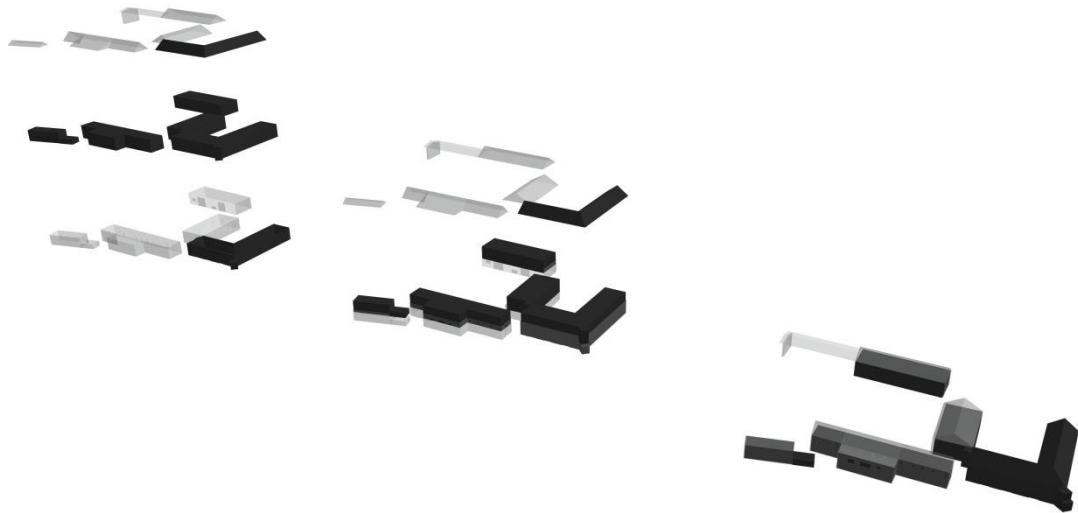
[116]

Na Casa do Moinho a área apresentada não era suficiente para responder ao programa, sofrendo assim uma ampliação. O novo corpo é constituído por dois pisos, ganhando assim o pré-existente área no seu interior, não tendo de, no entanto, sofrer alterações, mantendo a sua “imagem de origem”. Na leitura do conjunto o Moinho continua a ler-se como um simples Moinho, só no seu interior é que acontece a ampliação [116].

Na Casa das Marinheiras na leitura do conjunto, o novo corpo adicionado não se assume como uma unidade única e independente, podemos interpretá-lo como um prolongamento do pré-existente que faz parte dele [117]. O pré-existente impõe-se perante o novo volume adicionado, proporcionando uma leitura contínua dos dois corpos, pois estes encontram-se ligados, mas não deixa dúvidas ao assumir uma estética contemporânea que a distingue facilmente do existente. Embora exista um contraste visual entre ambas, o resultado final resulta num equilíbrio entre o pré-existente e o novo corpo adicionado.






[117]



[118]

Na Casa Van Middelen o novo corpo adicionado agarrou-se ao pré-existente, os dois corpos comunicam entre si e a distribuição do programa flui dessa união. Os volumes aproximam-se na leitura do seu conjunto tanto pela forma como pela escala, inclusive a nível dos materiais escolhidos, não sendo assim de leitura directa o limite onde acaba o pré-existente e o novo. O papel do novo corpo adicionado tem como função dar continuidade ao programa proposto, não sendo este uma dissonância no seu conjunto [118].

GRUPO 3 Reinterpretação			
	Casa do Moinho	Casa das Marinheiras	Casa Van Middelen
PRÉ-EXISTENTE	- Complemento à habitação - Limitação de espaço	- Embrião - Área limitada	- Jogo de volumes - Incompleto
NOVO	- Camuflagem - Harmonia	- Geometria - Adição	- Equilíbrio - Envolvência
DIÁLOGO ENTRE O NOVO E O PRÉ-EXISTENTE	- Contido - Reinterpretação	- Contraste - Mutação	- Integração - Organização de volumes

[119]

Os arquitectos destas três obras têm como conceito aplicado tirar o máximo partido dos elementos do pré-existente, sofrendo este ampliações. Tal sucede em todas as obras, excepto na Casa do Moinho, que sofre a ampliação dentro do próprio Moinho. Neste grupo podemos perceber que o pré-existente não consegue responder ao novo programa.

Na Casa do Moinho, sendo o pré-existente inserido no mesmo terreno da habitação, serve o mesmo de complemento à habitação de modo independente. O Moinho não sofre alterações na sua composição formal, pois tal situação iria contra a imagem que este traduz na sua envolvimento, isto é, o pré-existente integra-se na sua envolvente como se se tratasse de uma camuflagem. No entanto, para conseguir responder ao programa, foi necessário acontecer uma ampliação do espaço dentro do pré-existente, dentro dos seus limites, ficando assim o novo contido no pré-existente. A adição do novo corpo acontece no seu interior havendo assim uma reinterpretação do antigo Moinho que hoje exerce um uso/função diferente.

Na Casa das Marinheiras encontramos como embrião do projecto o moinho. Tendo assim o pré-existente como foco e início para o desenvolvimento do programa, foi necessário adicionar um novo corpo para conseguir responder às necessidades do programa. O novo corpo adicionado aproxima-se do pré-existente através de um volume em forma de paralelepípedo e é neste momento que acontece o corredor de distribuição que, ao mesmo tempo, é o elemento de ligação entre os dois corpos. É notório que o pré-existente sofre uma alteração na sua composição formal. No seu conjunto o pré-existente encontra-se em destaque, é o corpo mais próximo, visto este ser a entrada para a habitação. Na leitura dos dois corpos a definição de limite, onde acaba e começa o outro corpo, é clara; apesar de o novo respeitar a altimetria do pré-existente e os dois dialogarem entre si, a diferença de materiais e geometria cria um contraste.

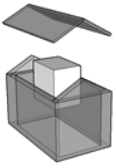

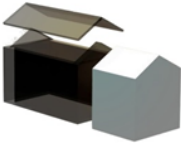
Na Casa Van Middelen temos como ponto de partida um jogo de volumes do pré-existente os quais não conseguem responder ao novo programa pretendido. Estes volumes encontram-se organizados em forma de “U” em torno de um pátio; o novo corpo adicionado acontece em forma de “L” que comunica com o pré-existente através do programa, respeitando as altimetrias e geometria do pré-existente. Da articulação entre o novo e o pré-existente nasce um lugar de encontro, o pátio, que cria uma envolvimento no seu conjunto traduzindo-se num equilíbrio entre o novo e o pré-existente. Na leitura deste conjunto percebemos que existe uma preocupação na organização dos volumes e na integração do novo ao pré-existente.

A importância do diálogo entre os dois corpos, o novo e o pré-existente, varia essencialmente com o programa, as características e especificidades de cada intervenção. Na Casa do Moinho, para o Arquitecto conseguir responder ao programa, houve uma organização do espaço, dentro dos limites do pré-existente. Já na Casa das Marinheiras e na Casa Van Middelen houve desenho do espaço, foi necessário quebrar os limites do pré-existente e adicionar novos corpos para conseguir responder ao programa. Desta soma entre o pré-existente e o novo corpo adicionado nasce uma nova composição.

V.IV | TABELA COMPARATIVA DOS GRUPOS DE ESTUDO

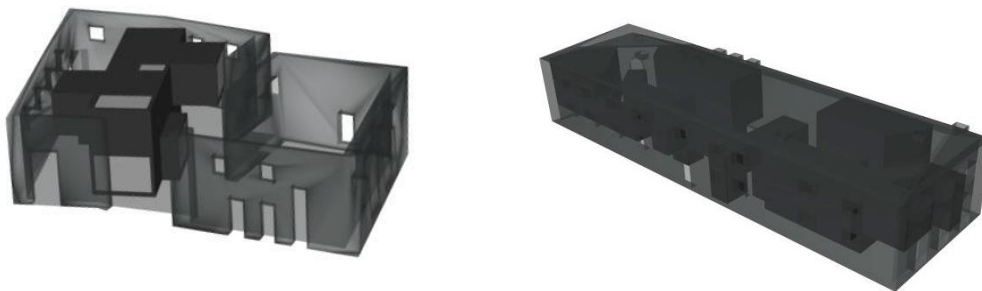
A presente tabela comparativa tem o intuito de resumir a análise feita em cada um dos três grupos. Desta análise podemos iniciar um discurso sobre o diálogo que existe entre o novo corpo adicionado e o pré-existente; perceber também quais as diversas vertentes para reabilitar um edifício e qual a relação/atitude do arquitecto com o pré-existente.

Na reabilitação de um edifício, onde o uso/função será diferente do pré-existente, é necessário ter em conta que o novo programa seja compatível com o pré-existente, sendo exequível e funcional e ter a consciência que o edifício não é elástico. As pré-existências dos três casos de estudo foram trabalhadas de modo diferente por cada arquitecto, todas com o objectivo de se transformarem num “abrigo”. Em nenhum dos casos o interior do pré-existente é aproveitado. Estamos perante casos de estudo em que os edifícios se regeneraram.

TABELA COMPARATIVA	 Grupo 1 - Desdobramento	 Grupo 2 - Sintetização	 Grupo 3 - Reinterpretação
PRÉ-EXISTENTE	<ul style="list-style-type: none"> - Gerador e limitador pela organização do projecto - Cheios e vazios 	<ul style="list-style-type: none"> - Continuidade da imagem de rua - Fachada 	<ul style="list-style-type: none"> - Limitação do espaço - Volume isolado
NOVO	<ul style="list-style-type: none"> - Organização do espaço - Conceito casa dentro de uma casa 	<ul style="list-style-type: none"> - Ocupação do espaço - Conceito: reinterpretação do espaço 	<ul style="list-style-type: none"> - Ampliação do espaço e organização de volumes - Conceito: programa em falta adicionado
DIÁLOGO ENTRE O NOVO E O PRÉ-EXISTENTE	<ul style="list-style-type: none"> - Jogos de luz e sombras - Comunicação através dos vãos 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação directa - Fachada e programa 	<ul style="list-style-type: none"> - Convívio entre volumes organizados - Complemento de programa

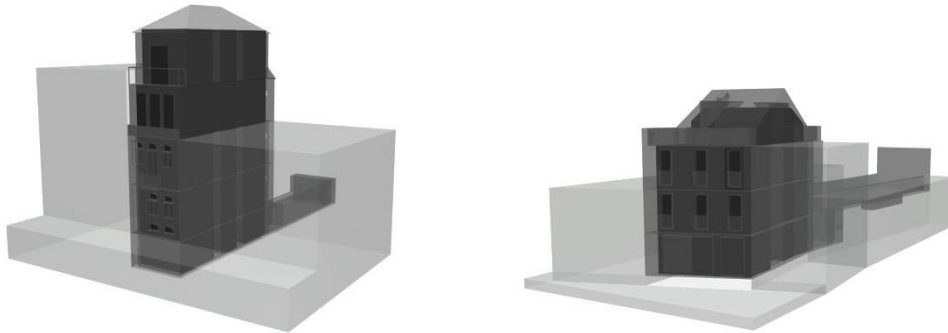
[120]

No grupo 1 [121], a independência e o individualismo das linguagens entre o pré-existente e o novo corpo adicionado apresentam-se como desafio da integração. Os arquitectos trabalham entre “muros”, sendo as dimensões do pré-existente as necessárias para satisfazer as exigências do novo programa, não tendo a necessidade de quebrar com o pré-existente e este sofrer alterações. No entanto os arquitectos assumem a totalidade da área do pré-existente como limite do terreno/projecto, idealizam o desenho dentro desses limites, não ocupando a totalidade da sua área com área construída mas todo o espaço é vivido.



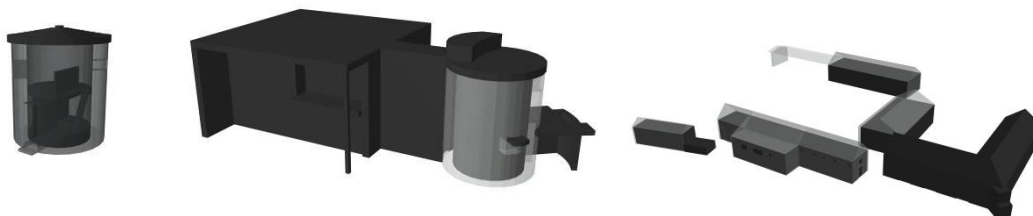
[121]

No grupo 2 [122], os arquitectos desenvolvem um conceito em que o programa adicionado é condicionado pelos limites do pré-existente. Têm como ponto de partida manter a continuidade da imagem de rua e no seu interior desenvolver um programa que se adapte ao pré-existente, ocupando toda a área disponível, vivendo assim o novo nas fachadas do pré-existente já reabilitadas.



[122]

No grupo 3 [123], os arquitectos têm o papel de desenvolver um programa a partir de uma pré-existência com a consciência que esta irá ser um complemento ao programa. Dada a alteração da sua composição formal, a definição de limite, onde acaba e começa o novo corpo adicionado, é de leitura clara, apesar de o novo respeitar a altimetria do pré-existente, a diferença de materiais e geometria do novo corpo cria um contraste no seu conjunto. Este contraste tem como responsável o programa em falta adicionado, que de certa forma consegue criar um convívio entre os volumes dado à sua organização/disposição.



[123]

Quando nos encontramos perante o exercício de desdobramento, no grupo 1, constatamos que os novos corpos são adicionados de modo independente do pré-existente, dialogam entre si e chegam a tocar-se mas não vivem no pré-existente. Já no grupo 2 os novos corpos são adicionados com a presença do pré-existente, isto é, o desenho do novo corpo adicionado é ajustado ao pré-existente, o novo encontra-se contido e, de certo modo, absorvido pelo pré-existente. Podemos assim dizer que o novo corpo adicionado vive nas fachadas, já reabilitadas, do pré-existente. No grupo 3 o pré-existente sofre mutações, alterando assim a sua imagem de origem, caso em que o pré-existente não condiciona o desenho dos projectos.

Nos três grupos o pré-existente foi mantido e recuperado não sofrendo alterações formais à excepção do caso de estudo número 3, em que o pré-existente sofreu alterações na sua composição dado ao novo programa proposto, sofrendo assim uma mutação tanto na sua forma como na sua articulação do novo com o pré-existente. No grupo 1 a área do pré-existente consegue responder ao novo programa proposto; já no grupo 2 o ponto de partida para o novo programa adicionado é diferente, pois é desenvolvido e adaptado à área apresentada pelo pré-existente. No grupo 3 a área do pré-existente não consegue responder ao novo programa proposto, sendo necessário ampliar a área de intervenção.

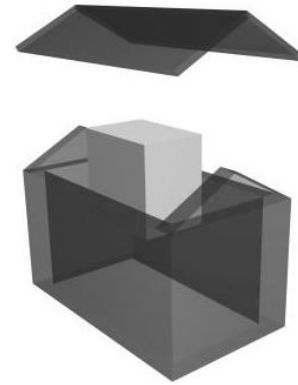
O uso/função do pré-existente no grupo 1 não é mantido dado ao novo conceito que é introduzido com o novo corpo adicionado; inversamente no grupo 2 é respeitado e, de certa forma, é mantido através do desenho do novo programa. Para além do uso/função, neste caso de estudo, ser mantido, os limites do pré-existente são igualmente mantidos. No grupo 3 o uso/função do pré-existente é completamente posto de lado e os próprios limites do pré-existente não são respeitados.

Os limites do pré-existente no grupo 1 desempenham um papel de parede-limite (limite do terreno) e não de limite para o desenho do projecto: contrariamente no grupo 2 desempenham um papel de limite para o desenho do projecto, mantendo deste modo a continuidade da imagem de rua. No grupo 3 os limites desempenham um papel de ponto de partida para o desenvolvimento do novo programa, no entanto, este não é uma condicionante, pois os limites não são respeitados.

No grupo 1 o pré-existente faz parte da intervenção. Neste caso funciona como uma espécie de pele, onde automaticamente conseguimos ter uma leitura separada do que é o pré-existente e do que é o novo. A leitura destes dois tempos traduz-se num afastamento físico mas ao mesmo tempo numa ligação, numa dependência do pré-existente. Já no grupo 2 o pré-existente faz parte da intervenção, este não se impõe perante o novo. Os dois corpos fundem-se num só e encontram a simbiose perfeita para o seu convívio, assim sendo, o novo é acolhido pelo pré-existente e este respeita os seus limites e potencialidades. No grupo 3 o pré-existente é responsável/gerador do desenho do novo programa e consecutivamente do novo corpo adicionado. Apesar dos limites do pré-existente não terem sido respeitados, foi a partir deste que foi desenvolvido o novo programa.

No diálogo entre os dois corpos, no grupo 1, é notória a preocupação por parte dos arquitectos na utilização e recuperação do pré-existente e nos jogos de luz. O novo afasta-se do pré-existente, mas estes comunicam através dos vãos. Já no grupo 2, tal acontece através das fachadas pré-existentes. Esta conexão é restabelecida de modo a voltar a formar uma única entidade, anulando assim uma ideia de imagem fragmentada entre os dois corpos. O novo afasta-se do pré-existente mas estes comunicam através dos vãos. No grupo 3, no diálogo entre os dois corpos nasce um lugar de encontro -o pátio- que cria uma envolvimento no seu conjunto, traduzindo-se num equilíbrio entre o novo e o pré-existente.

Na leitura do conjunto dos dois corpos, no grupo 1, temos a leitura de um jogo e cruzamento de perspectivas através dos vãos e através dos novos corpos adicionados. A tensão criada entre os dois traduz-se numa percepção dos dois tempos que nos são apresentados. Já no grupo 2, na leitura do conjunto dos dois corpos temos uma leitura directa, pois estes trabalham em sintonia, isto é, estando o novo corpo adicionado contido no pré-existente, acabam por traduzir-se numa fusão entre ambos, entre as fachadas do pré-existente e o novo programa proposto. No grupo 3, na leitura do seu conjunto, percebemos que existe uma preocupação na organização de volumes e na integração do novo ao pré-existente. Apesar da alteração na sua composição formal, o novo e o pré-existente dialogam e existe uma conexão física entre eles, sendo o pré-existente o protagonista no projecto.



“(...) contraste entre o carácter do que é novo e o carácter do que é velho.”
(Solà-Morales, 2008, p.257).

[01]

No grupo 1 estamos perante uma adição feita por intersecção [01] e podemos concluir que se trata de uma reconstrução e um desdobramento. Neste caso estamos perante uma intersecção que se traduz na intersecção do novo corpo na área do pré-existente, podendo afirmar-se que nos encontramos perante um caso em que temos uma casa dentro de uma casa. Na leitura do conjunto, os dois corpos partilham elementos em comum, no entanto cada um deles mantém a sua identidade e consecutivamente a sua definição como espaço. Desta intersecção resulta uma área comum aos dois corpos, em consequência do diferente tratamento do espaço intersticial que gera espaços/situações e momentos distintos.

Desta intersecção entre o novo e o pré-existente conseguimos perceber onde começa um e acaba o outro dado à diferença de materiais e geometria entre ambos. Apesar desta diferença, os dois corpos comunicam entre si através dos vãos. Tal situação traduz-se numa aproximação entre ambos, mantendo a identidade e o espaço de cada um.

Identificando uma reconstrução como uma nova reorganização do espaço, podemos afirmar que estamos perante uma reconstrução e um desdobramento visto que o novo programa consegue reorganizar o espaço apresentado pelo pré-existente. O novo corpo adicionado não tem como limite para o desenvolvimento do programa os limites do pré-existente, os quais funcionam antes como os limites do terreno, sendo o conceito desenvolver uma casa dentro de uma casa, portanto, tal situação vê-se reflectida nesta nova reorganização do espaço.

“Saber ver é uma condição indispensável para saber propor. O projecto constrói-se mediante uma relação umbilical com o tempo e com a memória.” (Rodeia, 2003, p.5).



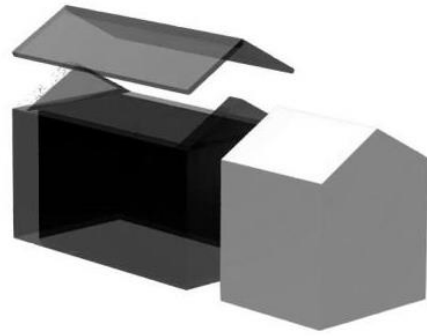
[02]

No grupo 2 estamos perante uma adição feita por inclusão [02] e podemos concluir que se trata de uma reconversão e de uma sintetização. Neste caso estamos perante uma inclusão que se traduz na adaptação do novo programa do corpo adicionado ao pré-existente, isto é, o novo corpo é inserido e contido dentro dos limites do pré-existente e o desenvolvimento do novo programa é condicionado pelo pré-existente. O novo corpo adicionado estabelece uma dependência do pré-existente que o contém com o objectivo de conseguir alcançar uma relação com o exterior, pois é através do pré-existente que existe o diálogo entre o interior da habitação e o exterior.

O novo corpo adicionado deverá ter uma autonomia formal que contribua para se conseguir ter uma leitura distinta dos dois corpos. Nestes, apesar de terem criado uma ligação directa e se encontrarem fundidos, conseguimos perceber, através da sua composição formal, que nos encontramos perante dois tempos distintos, o da pré-existência e o do novo corpo adicionado.

Reconversão é entendida como uma nova adaptação do espaço. Assim sendo estamos perante uma reconversão e uma sintetização visto os limites do pré-existente serem um factor a manter, dada a importância de não alterar a continuidade da imagem de rua. No entanto, o pré-existente condiciona o desenho do novo programa e, apesar de o miolo não ter sido mantido, as dimensões apresentadas pelo pré-existente vão ao encontro do novo programa proposto, dando uma resposta positiva às exigências que este requer. Acontece assim uma reconversão de usos/funções, o programa é adaptado ao pré-existente respeitando os seus limites e podemos observar uma síntese entre o novo corpo adicionado e o pré-existente.

“Cabe ao arquitecto ter a sensibilidade para, através do conhecimento da preexistência, fazer uma síntese entre o passado e o presente, acrescentando novos significados e utilidades ao existente, sem o destruir ou anular.” (Batista, 2010, p.28).



[03]

No grupo 3 estamos perante uma adição feita por ampliação [03] e podemos concluir que se trata de uma reinterpretação. Neste caso estamos perante dois tipos de ampliação diferentes: ampliação no interior do pré-existente, respeitando os seus limites; e ampliação no exterior do pré-existente, não respeitando os limites do pré-existente. Em ambas as ampliações o pré-existente sofre alterações na sua composição formal, não obstante continuarem com a mesma leitura de origem. Os moinhos deixam de ser lidos como um moinho e os volumes adicionados em forma de “L” não impedem que o pré-existente tenha a mesma leitura de origem. Neste caso de estudo, o pré-existente encontra-se sempre como elemento de destaque no conjunto.

Na Casa do Moinho houve uma organização do espaço dentro dos limites do pré-existente, foi necessário ampliar o espaço no seu interior acrescentando mais um piso. Nas outras duas obras houve desenho do espaço, foi necessário quebrar os limites do pré-existente e adicionar novos corpos para conseguir responder ao novo programa proposto. Na leitura deste conjunto dos dois corpos, o resultado final ganha novos contornos e características que resultam numa nova composição arquitectónica, o pré-existente já não é auto-suficiente, nem o novo consegue sobreviver sem a presença do pré-existente. Nasce assim um novo ente arquitectónico que se traduz em diferentes formas e valores que se juntam com o objectivo de formar uma única unidade.

Entende-se como uma reinterpretação uma nova interpretação do espaço. Estamos assim perante uma reinterpretação visto o pré-existente sofrer ampliações e consecutivamente ganhar novos contornos. Como tal, este conjunto tem uma leitura diferente do seu original, sendo necessário entender e interpretar esta nova organização e convívio de volumes.

VI | CONCLUSÃO

“Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos. Reconhecer-se-á que não se inventa uma linguagem. Reconhecer-se-á que a linguagem se transforma para se adaptar à realidade e para lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património colectivo e, nessa condição, objecto de mudança e de continuidade. Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a sua transformação chama-se Arquitectura. Uma sem a outra chama-se fracasso da arquitectura moderna.”

(Costa, 2002, p.128)

Escolhido o tema da caracterização do papel da pré-existência no contexto da reabilitação e a consequente adição de novos corpos arquitectónicos, este trabalho traduz uma pesquisa que vai ao encontro da interpretação da fusão e diálogo existente entre as diferentes linguagens arquitectónicas, entre a nova arquitectura e a pré-existente. Assim sendo, terminada a pesquisa e discussão sobre este tema é tempo de tecer as devidas conclusões:

- Os novos corpos adicionados dividem com a sua pré-existência a responsabilidade de concepção de fusões de diferentes linguagens, novos significados, novas configurações e ainda novas situações programáticas.
- Da análise dos três casos de estudo verifica-se que existem várias formas de actuar perante pré-existências, assim como existem várias intervenções que resultam no seu conjunto e tipos diferentes de alteração na composição do pré-existente.
- No diálogo entre o pré-existente e o novo estamos perante opções e variáveis de grande amplitude conceptual que são indissociáveis dos limites impostos pelo pré-existente.
- Cada novo corpo adicionado surge como resposta a um contexto específico que inclui o pré-existente como o embrião para desenvolver o novo programa pretendido.
- Apesar das diversas metodologias e interpretações apresentadas nas diferentes obras o objectivo deverá sempre ser o de tentar criar um ponto de equilíbrio entre a continuidade e a ruptura com o pré-existente. Assume, assim, o novo corpo adicionado uma nova etapa na vida da casa e ainda uma reinterpretação daquilo que o pré-existente já representou, já viveu no passado, reafirmando o seu novo uso/função mas mantendo a mensagem que a imponência de uma pré-existência transmite.
- Tendo como objectivo principal das intervenções de reconstrução, reinterpretação e reconversão, a preservação do pré-existente, tenta-se ir ao encontro de critérios que existam para a compreensão da possibilidade de se poder alterar no pré-existente, o seu uso/função ou receber um acrescento

alterando a sua composição formal, ou ainda se há a possibilidade de reconstruir a parte já perdida. Assim sendo, torna-se fulcral analisar a pertinência da pré-existência e também a pertinência no seu conjunto (pré-existente e novo).

- Os novos corpos que foram adicionados surgem como resposta a um programa específico perante cada pré-existência. Desta soma resultarão inevitavelmente transformações no pré-existente, ganhando este novos contornos, valores e significados.
- Admitindo diferentes interpretações da pré-existência e consequentes diferentes metodologias, a meta deverá ser a de alcançar uma simbiose perfeita, que pode não ter uma síntese, entre o novo corpo adicionado e o pré-existente, tendo o conhecimento à partida que o novo corpo adicionado assume um papel novo nesta vida. Acontece assim uma reinterpretação do pré-existente em que se afirma o novo programa adicionado, não impedindo, todavia, o novo uso/função que a memória do pré-existente se encontre presente. Encontramos, deste modo, o equilíbrio entre os dois tempos.
- Atitude de continuidade, no propósito de preservar sempre que possível e desejável a história, as memórias, os traços distintivos da pré-existência. Mas não só. Incumbe igualmente ao arquitecto valorizar a pré-existência através dos novos corpos adicionados, ou seja, alterar se necessário a natureza/origem da pré-existência, procurando, no entanto, não ocultá-la ou distorcer a sua proveniência, mas antes fazer sobressair aquilo que ela tem de mais belo, memorável e mítico, conseguindo neste gesto proporcionar um novo abrigo.

Enquanto Arquitectos, devemos ter uma atitude de continuidade ou ruptura perante a pré-existência?

Esta é a questão com que o presente trabalho começou e que termina sem uma resposta. Não porque não seja pertinente, é pertinente e central na concepção arquitectónica, mas porque a sua resposta é, conforme se pode constatar na amostra estudada, eminentemente circunstancial: de um autor, de uma obra, de um tempo. “(...)em arquitectura não é possível normalizar, tudo são precedentes!” (Adrião e Carvalho, 2007, p.3)

VII | BIBLIOGRAFIA

| **BIBLIOGRAFIA-Obras citadas**

ABREU, Pedro Marques de (2007). *Arquitectura: Monumento e Morada. Investigação do pensamento de Ruskin sobre o Património*. Faculdade de Arquitectura UTL, Lisboa.

ADRIÃO, José - CARVALHO, Ricardo (2007). *Aires Mateus*. In *J.A.226: Ilegal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

BAPTISTA, Luís Santiago (2007). *Memórias Difusas: Modernidade arquitectónica e processo histórico*. In *Arquitectura e Arte nº45 Memórias Difusas*, Lisboa: Futur Magazine.

BAPTISTA, Luís Santiago (2010). *Acções patrimoniais. Perspectivas Críticas*. In *Arquitectura e Arte nº82/83 Acções Patrimoniais*. Lisboa: Futur Magazine.

BORDALO, Marta (2004). *Reconversão do mosteiro de Santa Maria do Bouro em pousada da concepção à execução*. Porto: FAUP. Prova Final

CARRILHO DA GRAÇA, João Luís (ARQ.Q 82-83, 2010:27)

CARSALADE, Flávio de Lemos (2007). *Desenho contextual: Uma abordagem fenomenológico-existencial ao problema da intervenção e restauro em lugares especiais feitos pelo Homem*. Universidade Federal da Bahia Faculdade de Arquitectura. Tese de Doutoramento. [Em linha]. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/RAAO-7J7HZK/1/tese.pdf> [Consultado em Janeiro de 2015].

CHOAY, Françoise (2008). *A alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70 Lda, (Arte & comunicação; 71).

COSTA, Alexandre Alves (2002). *A arte de construir a transformação*. Lisboa: Estudos -Património.

CUNHA, Cláudia dos Reis e, In Alois Riegl (2000). *O culto moderno dos monumentos*. [Em linha]. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/05.054/3138> [Consultado em Março de 2015].

FERNANDES, José (2004). *Reabilitação de centros históricos e reutilização da cidade: o caso de Porto-Gaia*. [Em linha]. Disponível em: <http://www.porto.taf.net/dp/files/20061114-portogaia.pdf> [Consultado em Março de 2015].

GRACIA, Francisco (1992). *Construir en lo construído: la arquitectura como Modificación*, 2ª impressão. Hondarribia, Madrid: Editorial Nerea SA.

HEIDEGGER, Martin (1954). *Construir, Habitar, Pensar*. (1951) Conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmastad". Vortäge und Aufsätze: G. Neske, Pfullingen.

JORGE, José Duarte Gorjão (2007). *Lugares em teoria* (12). Lisboa: Caleidoscópio.

LE GOFF, Jaques Le (1984). “*Memória*” in *Memória e História (Vol.1)*. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

MOSTAEDI, Arian (2003). *Building conversion & renovation*. Barcelona: Carles Broto.

PINTO, Jorge (2007). *O espaço-limite-Produção e recepção em Arquitectura*. Lisboa: ACD Editores.

RASMUSSEN, Eiler Steen (1986). *Arquitectura Vivenciada*. São-Paulo: Martins Fontes Editora.

REBOLO, João Teles (2001). *Uma reflexão sobre “Arquitecturas Acrescentadas”*. Universidade Lusíada Lisboa. Departamento de Arquitectura. Dissertação de Mestrado.

REIS-ALVES, Luís Augusto (2007). “*O conceito de lugar*”.

SOLÀ-MORALES, Ignasi (2008). *Do contraste à analogia: novos desdobramentos do conceito de intervenção arquitectónica*, In NESBITT, Kate - *Uma nova agenda para a arquitectura. Antologia Teórica 1965-1995*. Ed. Cosac & Naify.

TÁVORA, Fernando (2006). *Da Organização do Espaço*. 6ª Ed. Porto: FAUP Publicações. ISBN 978-972-9483-22-6.

TEIXEIRA, Joaquim (2004). *Descrição do sistema construtivo da casa Burguesa do Porto entre séculos XVII e XIX*. Faculdade de Arquitectura do Porto, provas de aptidão pedagógica e capacidade científica.

TOMÉ, Miguel (2002). *Património e restauro em Portugal (1920 – 19995)*. Porto: FAUP Publicações. ISBN 972-9483-54-X.

| **BIBLIOGRAFIA-Obras consultadas**

BROCH, Hermann (1965). *Degradação de Valores (3)*, In Herman Broch, *Os Sonâmbulos*. [1928-1931]. Lisboa: Arcádia.

DE LIMA, Viana (2011). *Arquitecto Portugueses, Viana de Lima*. Vila do Conde: QN Edição e Conteúdos, S.A.

GIGANTE, José (2011). *Arquitecto Portugueses, José Gigante*. Vila do Conde: QN Edição e Conteúdos, S.A.

KUBLER, George (2004). *A forma do Tempo. Observações sobre a história dos Objectos*, 4ª edição. Lisboa: Edições Nova Veja. (Colecção Artes/Ensaio).

LEACH, Neil (2005). *A Anestésica da Arquitectura*. Lisboa: Edições Antígona. ISBN 972-608-180-7.

LYNCH, Kevin (1975). *De qué tiempo es este lugar?*. Barcelona: Gustavo Gili, Colección Arquitectura y Critica, S.A.

ZUMTHOR, Peter (2009). *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Editora Gustavo Gili.

| **ARTIGOS E REVISTAS**

ARQUITECTURA IBÉRICA (2006) – Reabilitação, nº12. Lisboa: Edições Caleidoscópio. [Em linha]. [Consultado em Outubro de 2014]

ARQUITECTURA IBÉRICA (2007) – Reabilitação, nº19. Lisboa: Edições Caleidoscópio. [Em linha]. [Consultado em Outubro de 2014]

ARQUITECTURA IBÉRICA (2009) – Reabilitação, nº30. Lisboa: Edições Caleidoscópio. [Em linha]. [Consultado em Outubro de 2014]

FISCHER NAUMANN (2007) – S(ch)austall, In *Arquitectura Mais* nº16. Lisboa, Editora Arcatura. [Em linha]. [Consultado em Novembro de 2014]

GALIANO, Luis Fernandez (2006) – Una história de violência. In *Arquitectura Viva* nº 110. ISBN 0214-1256. [Em linha]. [Consultado em Outubro de 2014]

HABITAR PORTUGAL (2006-2008). *Casa dos Cubos Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Tomar*. [Em linha]. Disponível em <<http://www.habitarportugal.org/ficha.htm?id=253>> [Consultado em Fevereiro de 2015].

INFOPÉDIA - Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora - com Acordo

Ortográfico. [Em linha] Disponível em <<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa>> [Consultado em Junho de 2014].

JORNAL DOS ARQUITECTOS 229 – Tempo. [Em linha]. Disponível em: <<http://www.arquitectos.pt/?no=1010731308,248>> [Consultado em Fevereiro de 2015].

ROUSSO, Henry citado por MOREIRA, Raimundo, In História e Memória: Algumas Observações. [Em linha]. Disponível em <http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf> [Consultado em Fevereiro de 2015].

ÚLTIMAS REPORTAGENS - FG+SG Ilustração de arquitectura. [Em linha]. Disponível em <<http://www.ultimasreportagens.com/>> [Consultado em Abril de 2015].

| INTERNET

AQR. Álvaro Siza no PINTEREST Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<https://www.pinterest.com/gorneshernando/aqr-alvaro-siza/>> [Consultado em Março de 2014].

Archdaily Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.archilovers.com/projects/56242/house-of-janelas-verdes.html#images>> [Consultado em Março de 2014].

Archdaily House at Janelas Verdes Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.archdaily.com/16940/house-at-janelas-verdes-pedro-domingos-arquitectos/>> [Consultado em Abril de 2014].

Arq|a João Mendes Ribeiro Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://www.revarqa.com/content/1/600/joao-mendes-ribeiro/>> [Consultado em Abril de 2014].

Arquitectura.pt-Facebook Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<https://www.facebook.com/arquitectura.pt/posts/803963986282266>> [Consultado em Março de 2014].

Arquivo Digital revista NU Home Page, [Em Linha]. Disponível em <<http://arquivonu.blogspot.pt/2009/08/02-lugares.html>> [Consultado em Maio de 2014].

Arqyrecursos Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://arqyrecursos.blogspot.pt/2012/08/alvaro-siza-el-croquis-6869-95.html#/page/4>> [Consultado em Março 2014].

Bruno Nobre Arquitectura Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://brunonobrearquitectura.blogspot.pt/>> [Consultado em Abril de 2014].

Catarina Teles LeiturasReadings Home Page [Em Linha]. Disponível em <http://home.fa.utl.pt/~camarinhas/3_leituras10.htm> [Consultado em Junho de 2014].

Directório Arco Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://d-arco.blogspot.pt/2009/04/alvaro-siza-vieiracasa-van-middelen.html>> [Consultado em Abril de 2014].

Divisare Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://divisare.com/projects/198423-pedro-domingos-arquitectos-House-of-Janelas-Verdes>> [Consultado em Janeiro de 2012].

El Croquis No Pinterest Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<https://www.pinterest.com/holdenspaht/el-croquis/>> [Consultado em Abril de 2014].

Expor-Siza Vieira Flickr Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<https://www.flickr.com/photos/asimplemind/sets/72157602478218700/detail/?page=7>> [Consultado em Abril de 2014].

Issuu Blue Design Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://issuu.com/revistas-blue/docs/bluedesign11/109>> [Consultado em Março de 2014].

Karmatrendz House at Janelas Verdes Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<https://karmatrendz.wordpress.com/2009/04/05/house-at-janelas-verdes-by-pedro-domingos-arquitectos/>> [Consultado em Março de 2014].

Maison van Middelen Dupont | Álvaro Siza Vieira Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.405290286264382.1073742010.218796008247145&type=3>> [Consultado em Abril de 2014].

Pedro Domingos Arquitectos Home Page. [Em Linha]. Disponível em <http://www.pdarq.com/2013/PEDRO_DOMINGOS_ARQUITECTOS.html> [Consultado em Março de 2014].

Pedra Líquida Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://pedraliquida.com/>> [Consultado em Abril de 2014].

Portal IPHAN Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>> [Consultado em Junho de 2014].

Ultimas Reportagens Home Page. [Em Linha]. Disponível em <<http://402.ultimasreportagens.com/ultimas.php>> [Consultado em Abril de 2014].